

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



DISSERTAÇÃO

A preparação dos goleiros profissionais de futebol no Rio Grande do Sul

Daniel Ricardi Crizel da Silva

Pelotas – RS
2015

DANIEL RICARDI CRIZEL DA SILVA

DISSERTAÇÃO

A preparação dos goleiros profissionais de futebol no Rio Grande do Sul

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação Física (área de concentração: Atividade Física e Desempenho).

Orientador: Prof. Dr. Airton José Rombaldi

Pelotas – RS

2015

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C928p Crizel, Daniel Ricardi da Silva

A preparação dos goleiros profissionais de futebol no Rio Grande do Sul / Daniel Ricardi da Silva Crizel ; Airtton José Rombaldi, orientador. — Pelotas, 2015.

108 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Preparadores. 2. Goleiros. 3. Treinamento. 4. Futebol.
I. Rombaldi, Airtton José, orient. II. Título.

CDD : 796

Elaborada por Patrícia de Borba Pereira CRB: 10/1487

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ailton José Rombaldi (Orientador)
Escola Superior de Educação Física/ UFPEL

Prof. Dr. Mário Renato de Azevedo Júnior
Escola Superior de Educação Física/ UFPEL

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo
Escola Superior de Educação Física/ UFPEL

Prof. Dr. Rogério, da Cunha Voser
Escola Superior de Educação Física/ UFRGS

"As convicções são inimigos mais poderosos que as mentiras. - É impossível expandir o pensar quando a mente está ancorada em opiniões intocáveis..."
(Frederich Nietzsche)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre ao meu lado, oferecendo-me saúde, coragem e energia para correr atrás de meus objetivos.

Ao meu orientador, professor Dr. Airton José Rombaldi, profissional educado, comprometido e extremamente competente. Norteou a realização deste trabalho com serenidade, clareza e respeito.

A minha avó Olga, que é a bondade em pessoa. Carinhosa e humilde, vive a fazer o bem.

A minha tia Ineci, correta, íntegra, sempre disposta a tirar de si em prol do próximo. Tem participação direta na minha formação.

Ao meu tio Euzébio, batalhador incansável, tudo que tem na vida é fruto de muito trabalho. Tem um coração enorme, sempre de bem com a vida e disposto a ajudar. É um exemplo para mim.

A minha namorada, atenciosa e compreensiva, que me estendeu a mão em um momento muito importante.

A todos meus familiares, que levo no coração e sei o quanto cada um deles torce por cada conquista minha.

Ao meu colega de Mestrado, Daniel Vidinha, sempre disposto a colaborar, não importando o dia, fosse sábado ou domingo.

A todos os profissionais que participaram deste trabalho. Tão importante na construção não só do meu conhecimento, mas também de grande valia para o desenvolvimento de nossa área de atuação, a preparação de goleiros.

Ao futebol, que diariamente reafirma para mim que somos todos iguais. Independentemente do quanto se ganhe ou se perca, somos simplesmente seres humanos.

Em especial, a minha mãe, companheira e incentivadora fiel. Desde pequeno me estimulando às práticas esportivas, nunca mediu esforços para me possibilitar tudo que estava ao seu alcance. Está sempre comigo incondicionalmente.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Variáveis de análise de dados dos preparadores.....	27
Quadro 2	Variáveis de análise de dados acrescentadas aos goleiros.....	29
Quadro 3	Cronograma de atividades.....	32
Tabela 1	Características pessoais e acadêmicas.....	58
Tabela 2	Principal virtude na opinião de preparadores e goleiros.....	60
Tabela 3	Meios de condicionamento do goleiro.....	61
Tabela 4	Aspectos inerentes as vivências práticas do goleiro.....	61
Figura 1	Principais capacidades físicas necessárias ao goleiro.....	63
Figura 2	Metabolismo predominante do goleiro na opinião do preparador.	64

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO GERAL.....	8
1. PROJETO DE PESQUISA.....	9
2. RELATÓRIO DE TRABALHO DE CAMPO.....	40
3. ARTIGO: A preparação de goleiros no Rio Grande do Sul.....	47
4. PRESS RELEASE.....	78
5. APÊNDICES.....	81
6. ANEXOS.....	98

APRESENTAÇÃO GERAL

A presente dissertação de mestrado atende ao regimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. O volume final exhibe as seguintes seções:

1- PROJETO DE PESQUISA: defendido no dia 25/04/2014 e apresentado com a inclusão das modificações propostas pela banca revisora.

2- RELATÓRIO DO TRABALHO DE CAMPO: descrição detalhada dos procedimentos adotados pelos pesquisadores ao longo da realização do estudo.

3- ARTIGO: “A preparação de goleiros no Rio Grande do Sul”.

4- PRESS-RELEASE: síntese dos principais resultados do estudo apresentados a imprensa local.

5- APÊNDICES: documentos elaborados pelos autores com a finalidade de viabilizar a pesquisa.

6- ANEXOS: documentos comprobatórios elaborados por outras instituições ou pessoas.

1 PROJETO DE PESQUISA

(Dissertação de Daniel Ricardi Crizel da Silva)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



PROJETO DE DISSERTAÇÃO

A preparação dos goleiros profissionais de futebol no Rio Grande do Sul

Mestrando: Daniel Ricardi Crizel da Silva

Orientador: Airton José Rombaldi

Pelotas – RS

2014

DANIEL RICARDI CRIZEL DA SILVA

PROJETO DE DISSERTAÇÃO

A preparação dos goleiros profissionais de futebol no Rio Grande do Sul

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à Qualificação para obtenção do título de mestre em: Educação Física (área de concentração: Atividade Física e Desempenho).

Orientador: Prof. Dr. Airton José Rombaldi

Pelotas – RS

2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Airton José Rombaldi (Orientador)
Escola Superior de Educação Física/ UFPEL

Prof. Dr. Mário Renato de Azevedo Júnior
Escola Superior de Educação Física/ UFPEL

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo
Escola Superior de Educação Física/ UFPEL

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Problema.....	15
1.2 Objetivos.....	15
1.2.1 Objetivo geral.....	15
1.2.2 Objetivos específicos.....	15
1.3 Justificativa.....	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 Surgimento do goleiro.....	17
2.2 O desenvolvimento do jogo do goleiro.....	18
2.3 O surgimento do preparador de goleiros.....	19
2.4 Pressupostos do preparador de goleiros.....	20
2.5 As ações do jogo e sua imprevisibilidade.....	21
2.6 Especificidade do treinamento.....	23
2.7 Os métodos de preparação de goleiros.....	24
3 METODOLOGIA.....	26
3.1 População.....	26
3.2 Instrumentos.....	27
3.3 Procedimentos.....	29
3.4 Estudo Piloto.....	30
3.5 Análises estatísticas.....	31
3.6 Possíveis estudos.....	31
4 CRONOGRAMA.....	32
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Em ano de Copa do Mundo no Brasil – 2014 –, os olhares se voltaram ao futebol, esporte que tem a capacidade de mobilizar enorme quantidade de pessoas, chegando às casas de milhões (GASTALDO, 2009). Estima-se que impressionantes 28,8 bilhões de telespectadores assistiram o mundial da Coréia do Sul e do Japão em 2002 (PROCHNIK, 2010). Todo este apelo junto à sociedade mundial extrapola a esfera esportiva, influenciando também os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos (RODRIGUES; MONTAGNER, 2003). Neste sentido, o futebol parece ser um espelho da sociedade em todos os aspectos (KRAUSE, 2010).

Desta forma, o esporte vem evoluindo em suas diversas vertentes. No âmbito organizacional, o futebol tornou-se um grande negócio (VÍDERO SANTOS, 2002), sendo importante a constante busca pelo aprimoramento da gestão, assim como das condições de treinamento oferecida aos atletas (CORRÊA, 2004). No âmbito da prática, encontramos equipes cada vez mais competitivas (CUNHA; BINOTTO; BARROS, 2001). Além disso, a exigência de modernização fica evidente nas melhorias administrativas e tecnológicas, no grande acesso às informações, nos avanços da ciência do esporte aliados à constante e intensa qualificação dos diferentes profissionais que atuam nos clubes rivais (CARRAVETTA, 2006).

Acompanhando essa tendência evolutiva, o goleiro, que exerce uma função específica do jogo, ainda carece de maiores pesquisas a cerca de sua preparação, embora seu treinamento tenha apresentando crescente aprofundamento científico. (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2006). Para comprovar a dificuldade de abordar o tema, atualmente muitos estudos excluem os goleiros, visto que as características de sua atuação são muito diferentes das demais posições no jogo, as quais se caracterizam por ações de curta duração e alta intensidade, e a sua recuperação pós-estímulo acontece de forma passiva (MORO *et al.*, 2012).

Contudo, apesar de existir todo esse contexto de dificuldades em expressar o quão única é esta função, houve uma significativa evolução no desempenho dos goleiros, de forma que o destaque por eles obtido no cenário futebolístico comprova o avanço. Torna-se impossível explicar esse progresso sem fazer referência a um dos mais recentes cargos inseridos nas comissões técnicas, o de preparador (ou treinador específico) de goleiros (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2006). O

surgimento deste profissional e seus métodos, sem sobra de dúvidas, tem relação direta com a evolução dos (as) atletas que atuam na posição (RIGOTTI, 2006).

Após aproximadamente quatro décadas desde a instituição da preparação específica de goleiros, observa-se o quão recente é este fenômeno no futebol moderno (CRIZEL; LIBERALI; NAVARRO, 2012). Quando se busca a aproximação com a prática, toma-se conhecimento dos métodos de trabalho dos preparadores e, a partir disso, tenta-se compreender a aplicação ou não dos princípios científicos do treinamento esportivo e da ciência do esporte ligada ao treinamento, pois a inexistência de uma escola de formação determina, em muitos casos, a prática da preparação baseada somente na experiência vivida por ex-goleiros que, pela ausência de outro profissional mais qualificado, ocupam este mercado de trabalho.

É partindo dessa premissa que este estudo buscará descrever a preparação dos goleiros profissionais de futebol no estado do Rio Grande do Sul. Para tanto, servirão, de referência, os profissionais envolvidos na prática, goleiros e seus treinadores de goleiros.

1.1 Problema: Qual o cenário da preparação de goleiros profissionais de futebol no estado do Rio Grande do Sul, nas Séries A1, A2 e B?

1.2 Objetivos

1.2.1 Geral

Descrever o cenário da preparação dos goleiros profissionais de futebol no estado do Rio Grande do Sul, nas Séries A1, A2 e B.

1.2.2 Específicos

1. Traçar o perfil dos preparadores de goleiros profissionais de futebol do estado do Rio Grande do Sul, nas Séries A1, A2 e B;

2. Descrever o método de trabalho dos preparadores dos goleiros profissionais de futebol do estado do Rio Grande do Sul;
3. Observar a importância dada pelos goleiros profissionais de futebol do estado do Rio Grande do Sul no que se refere à capacitação do seu preparador;
4. Verificar as preferências dos goleiros profissionais de futebol do estado do Rio Grande do Sul quanto ao tipo de treinamento.

1.3 Justificativa

A área acadêmica, através de estudos científicos no campo do treinamento no futebol, em um primeiro momento, focou-se em entender o fenômeno do futebol de forma mais ampla. Neste sentido, surgiram pesquisas na área da fisiologia do exercício, medicina e psicologia esportiva (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2006). Em seguida, a busca tornou-se mais específica, aferindo a atividade que o atleta desenvolve no campo de jogo. Começaram, assim, a surgir um número maior de interessados em pesquisar as peculiaridades das diferentes posições do jogo e, em especial, da posição de goleiro e da consequente especificidade de seu treinamento (QUEIROZ; SILVA, 2012).

Desta forma, a atenção recaiu sobre a preparação de goleiros, seus conceitos e métodos. Pesquisas iniciais apontaram o perfil dos preparadores (RIGOTTI, 2006) como sendo ex-atletas ou professores de Educação Física. Investigou-se também a incidência de dor em preparadores de goleiros durante sua atividade laboral (CRIZEL; RECH; TRENTIN, 2011). Além disso, outros estudos se dispuseram a conhecer os pilares que sustentem a metodologia dos preparadores de goleiros (CRIZEL; LIBERALI; NAVARRO, 2012). Iniciativas como essas já se refletem no momento atual da preparação, favorecendo o aperfeiçoamento dos métodos de trabalho, fazendo uso da validade científica e da consequente consolidação prática, e produzindo goleiros de grande potencial (GUILHERME, 2006).

Este estudo avançará o conhecimento à medida que buscará, de forma inédita, descrever o cenário da preparação de goleiros profissionais de futebol no

estado do Rio Grande do Sul, seus conceitos e métodos de trabalho, bem como as suas principais características, virtudes e deficiências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O surgimento do goleiro

No futebol, existem figuras exóticas, diretores, torcedores fanáticos, técnicos extravagantes e os goleiros. Todos têm em comum o fato de estarem suscetíveis a um turbilhão de emoções, que vão da alegria ao ódio em fração de segundos (SIMON, 2010). Os goleiros, por sua vez, são colocados à prova em cada bola, a cada lance. Uma importante defesa pode representar o orgulho, o respeito e a confiança do torcedor. Porém, na mesma proporção, um erro pode colocar por terra anos de trabalho (MARTINS, 2001).

O futebol foi normatizado no ano de 1863 pela *Football Association*. Naquela época, não existia goleiro (OLIVEIRA; SILVA; CUNHA, 2011). A estratégia de defesa das equipes passava pela utilização de um jogador, que sem poder fazer uso das mãos, ficava a frente da meta na tentativa de impedir o sucesso dos adversários. Ele era chamado de vigia (CRIVELLENTI; SOARES, 2005).

Somente em 1871 foi criado o goleiro. Ele poderia fazer uso das mãos para impedir o gol, bem como dar início a jogadas através de reposições de bola em jogo com as mãos ou os pés. Em 1891, foi criada a pequena área, que tinha a função de proteger o goleiro dos choques dos adversários (WALTRICK, 2009). A evolução continuava e, dessa vez, passava pelos trajes, boinas com pequenas abas na parte frontal, que davam um charme no visual, perderam espaço. Por outro lado, os gramados melhoraram e os goleiros abriram mão de cotoveleiras e joelheiras (GUILHERME, 2006). As luvas, até então pouco utilizadas, a partir da década de 1970, tiveram seu uso disseminado. A tecnologia de sua confecção passou a auxiliar efetivamente na tarefa de segurar a bola (POLITO; WOOD; RUCCO, 2013).

É importante destacar que o goleiro move junto ao torcedor um sentimento diferente. Desde sua entrada em campo, é o único fardado de forma diferente e, normalmente, é um dos mais altos da equipe (SOROKA; BERGIER, 2011). A cada defesa pode se tornar um ícone do sucesso, da realização, mas também está muito

próximo do fracasso, do asco, da rejeição. Mesmo assim, desde os primórdios, alguns fatores levam o indivíduo a escolher a posição de goleiro para jogar. Pode-se destacar alguns, entre eles, o encantamento pela plástica das defesas, o incentivo familiar (por vezes, os familiares foram goleiros), ou, ainda, a explicação mais comum, o fato de o jogador não apresentar muita habilidade para jogar nas posições da linha e, por isso, é colocado no gol (RIBEIRO; VOSER, 2011).

2.2 O desenvolvimento do jogo do goleiro

O goleiro deixou de exercer a única função inicialmente prevista: evitar o gol do adversário. Assim, passou a atuar além das linhas que demarcam a área de meta para bater faltas no campo defensivo, além de adiantar seu posicionamento a fim de fazer a cobertura de sua defesa (TRUBIAN; MARRAMARCO, 2011). Aproveitou-se também do fato de participar do jogo sempre de frente para as jogadas e passou a orientar constantemente os companheiros, desenvolvendo assim a sua liderança e conhecimento tático (PLIHAL; CENI, 2009). A evolução não parou por aí: há alguns anos, é possível observar goleiros atravessando o campo para bater faltas ofensivas. Outros ousam ainda mais e, fazendo uso de sua estatura e noção espaço-temporal, vão até a área adversária cabecear (THIENGO; HUNGER; OLIVEIRA, 2009).

Mas essa evolução não foi somente marcada de fatos positivos. A fim de tornar o futebol ainda mais atrativo, ou seja, fazer com que haja um maior número de gols no jogo, as mudanças de regras, quase sempre, recaíram sobre o goleiro, tornando ainda mais difícil sua missão primária de evitar gols. Assim, a proibição de recepcionar a bola com as mãos quando ela vem de um companheiro de equipe, a regra dos seis segundos para repor a bola em jogo, e as novas bolas - cada vez mais leves e sujeitas a trajetórias ainda mais aleatórias - obrigam o goleiro à adaptação e ao aprimoramento constante (ANDRADE, 2008).

A fim de adequar-se à exigência da função, é importante que o goleiro alcance níveis ótimos de desempenho. Para isso, necessita de técnica específica, capacidade de entendimento do jogo e de tomada de decisão e, somado a isso, deve possuir uma preparação psicológica forte, sendo capaz de suportar as pressões de treinos e jogos (FIGUEIREDO, 2010). No aspecto físico, não podem ser

negligenciadas as capacidades físicas, como força, velocidade, agilidade, flexibilidade, rapidez, coordenação e capacidade espaço-temporal (LÓPEZ, 2004). Além disso, na atualidade o futebol passou exigir goleiros de boa estatura. Esta exigência interfere diretamente na sua seleção e treinamento. (GALLO *et al.*, 2010).

2.3 O surgimento do preparador de goleiros

Os ex-atletas da baliza, ao encerrarem suas carreiras, sabiam da lacuna existente na preparação específica dos goleiros e lançaram-se como treinadores de goleiros. Conheciam as necessidades, tinham vivências que, se bem utilizadas, poderiam facilitar o treinamento dos goleiros (GALLO *et. al.*, 2010). No Brasil, um ícone nessa função é o ex-goleiro Valdir Joaquim de Moraes, um gaúcho tido por muitos como o precursor da função de preparador. No final da década de 1960, os goleiros não possuíam quem ampliasse seu desenvolvimento através de um treinamento específico. Motivado por isso, Valdir de Moraes decidiu tornar-se treinador de goleiros, compartilhando seu conhecimento e vivências na função (BETING, 2012). Por outro lado, outro ícone da preparação é o também gaúcho, Professor Raul Carlesso, da Escola de Educação Física do Exército, preparador de goleiros da seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1978, considerado a personificação dos preparadores/professores. Cabe destacar que vigoram até hoje no futebol essas duas correntes desenvolvidas (CRIZEL; LIBERALI; NAVARRO, 2012).

Logo que surgiram os treinadores de goleiros, eles estavam presentes em clubes grandes e só na categoria profissional. Atualmente, esta realidade mudou, motivada pela evolução apresentada pelos goleiros. Assim, a maioria dos clubes tem preparador de goleiros não só na categoria principal, mas também nas categorias de base, fato que, aliado à metodologia adequada, influencia diretamente o nível atual dos goleiros brasileiros (RIGOTTI, 2006). Como resultado, este trabalho específico começou a desenvolver atletas com grande potencial (CRIZEL; RECH; TRENTIN, 2011).

2.4 Pressupostos do preparador de goleiros

Ao preparador de goleiros fica delegada a função de planejar e realizar um treinamento direcionado a promover o desenvolvimento deste atleta. Ao longo do processo de treino, existe a necessidade de desenvolver requisitos técnicos, físicos, táticos e psicológicos. Cada vez mais essas variáveis devem ser trabalhadas em condições específicas de jogo (CRIZEL; LIBERALI; NAVARRO, 2012).

Segundo Carlesso (1981), o goleiro necessita de um treinamento especial. Por isso, é importante que o preparador tenha o conhecimento técnico-tático inerente às especificidades da função (ARRUDA *et al.*, 2013). Necessita também conhecer os princípios do treinamento esportivo, bem como possuir conhecimentos em psicologia (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2006). Além disso, precisa ter habilidade de executar arremessos e chutes (SOARES, 1997). Porém, esta última necessidade parece ser muito mais uma questão cultural do que propriamente metodológica, fruto de mitos e preconceitos esportivos.

Entende-se estes conhecimentos específicos inerentes aos goleiros como sendo as técnicas de pegar a bola, das quedas, de levantar, dos posicionamentos adequados, das reposições e do entendimento do jogo propriamente dito. Esses conhecimentos devem construir junto aos goleiros recursos técnicos importantes para serem utilizados ao longo de jogos e treinos (GONÇALVES; NOGUEIRA, 2006). Outra necessidade é o entendimento dos princípios do treinamento esportivo, a fim de promover um treino planejado, controlado e adequado para os atletas. Deve ser levado em conta, para tanto, o período do treinamento em que se encontram os atletas (pré-competitivo, competitivo ou transição). É importante também tornar a preparação mais individualizada e específica possível (TELLES; MIRANDA, 2006).

O trabalho psicológico tem grande importância. O preparador de goleiros deve lançar mão de conceitos de liderança para influenciar, dirigir e coordenar os comportamentos, os quais são requisitos muito importantes na prática diária da preparação (FERREIRA, 2008). Este atleta é tão suscetível à subjetividade, por parte de torcedores, diretores e integrantes de comissão técnica, que pode ser apontado como vilão sem ter sido o real responsável pelo resultado (ALVES; COSTA, 2010). Cabe ao preparador ser metódico, atencioso, paciente com os erros e oferecer segurança (CARRAVETTA, 2006).

Na prática diária, o preparador deve estar capacitado a executar arremessos e chutes a fim de treinar seus goleiros. Os chutes devem ser do chão, bate pronto e voleio, não deixando cair o ritmo do treino (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2006). Esse hábito advém dos primeiros preparadores de goleiros, resquícios de um treinamento em grande parte analítico, em que o preparador de goleiros era visto como uma máquina de chutar (ANDRADE, 2008). A evolução da preparação e de seus métodos pode estar relegando para outro nível a importância das execuções de chutes e arremessos. Mais recentemente, de acordo com a metodologia utilizada, o preparador pode executar tão somente as tarefas analíticas de caráter físico, técnico e psíquico, deixando para os exercícios globais (minijogos) o caráter condicionante (BRASIL, 2004).

2.5 As ações do jogo e sua imprevisibilidade

Antes de abordar a imprevisibilidade, deve-se falar do que são ações em uma partida de futebol. A apresentação pode se dar sob dois prismas: de forma individualizada, dividida em ações técnicas e táticas, ou, ainda, de forma conjunta, utilizando ambas as ações e formando, assim, uma unidade (GARGANTA, 1997). A técnica de forma isolada pode ser entendida como a sequência de movimentos a fim de realizar uma tarefa. Já a tática é o procedimento estratégico mais adequado a certas tarefas ou situações a serem realizadas em jogos e competições (MOURA, 2006). Quando os dois elementos são conjugados, evidencia-se a interdependência entre técnica e tática para a eficácia nas tomadas de decisão (MADIR, 2002).

Desta forma, a ação do jogo está muito além dos processos motores contidos na dimensão gestual da técnica. A realização do gesto surge levando-se em conta o contexto do jogo naquele instante (GARGANTA SILVA, 1998). Por isso, em esportes situacionais, os principais objetivos não estão centrados tão somente no aspecto técnico, ou ainda nos condicionais, mas sim na capacidade de ação (GARGANTA, 2001).

Assim como toda a equipe de futebol, o goleiro também está inserido em um ambiente aberto, em constante interação com o meio específico, e está sempre em busca de ações mais eficientes e eficazes. Para tanto, leva em conta a grande imprevisibilidade, aleatoriedade e a relação de oposição perante os adversários

(SILVA, 2008). É nesse contexto de grande incerteza que as ações e comportamentos passam a ter significado no futebol (PEREIRA, 2006).

O goleiro deve estar apto para reagir rapidamente através de aspectos neuromusculares específicos e com ótimo desempenho de força. É fundamental que ele possua um bom desenvolvimento de habilidades motoras amplas, aplicadas em constante mudança de ambiente, e suscetível à imprevisibilidade (KNOOP; JAIME; FERRAUTI, 2013). Enorme é a gama de incertezas, o que leva o esportista a criar estratégias de comportamento, de como agir em condições adversas (GOMES, 2014).

O número de ações durante uma partida de futebol fica condicionado pelas características do jogo, a mercê da aleatoriedade. É tarefa do goleiro gerir, de forma hábil, a incerteza e a surpresa, através de ações e reações eficientes perante as situações do jogo. Diante destas, deve ser capaz de inter-relacionar e organizar as informações relevantes a fim de realizar de maneira exitosa as ações do jogo (FILGUEIRA; GRECO, 2008). Para isso, é importante ter consciência de que a criatividade e a pró-atividade surgem como elementos perturbadores junto ao adversário, pois a iniciativa, as fintas e as simulações podem causar surpresa (GARGANTA; SILVA, 2000).

Apesar de toda adversidade e imprevisibilidade existentes no jogo de futebol, a partir do modelo de treinamento proposto pelo treinador, há uma busca por ordenar as ocorrências do jogo, tornando-o determinístico e tentando, assim, minimizar o acaso. O treinamento visa à aquisição de hábitos e não de comportamentos mecânicos, permitindo ao atleta criar e inventar para concretizar as ações (GOMES, 2014). De acordo com Guilherme (2006), a bola nunca vai em direção a goleira por onde o goleiro espera que ela venha.

Frente a esse ambiente imprevisível, faz-se necessário compará-lo ao modelo de treinamento clássico de goleiros, realizado, em sua maior parte, em ambiente fechado, previsível, onde o treinador executa chutes e arremessos, para o desenvolvimento de gestos estereotipados, padronizados. Essas atividades visam a uma possível automatização desses movimentos. Por outro lado, podem ter a finalidade de elevar a autoestima do goleiro, através do sucesso na realização do trabalho (CABEZÓN, 2001).

2.6 Especificidade do treinamento

No Brasil, em meados da década de 1970, a preparação física no futebol ganhava força (SANTORO; SOARES; HELAL, 2004). O sistema de treinamento, por muito tempo, sofreu influência dos modelos do atletismo, pensados muitas vezes para modalidades esportivas de cunho individual. Notou-se a importância da adequação dos modelos de treinamento, de modo a preparar o jogador de futebol para realidade que encontrará no jogo. A especificidade do jogo tornou-se, assim, um tema muito abordado (PIRES, 2011). A proximidade dos meios de treinamento com as condições reais de competição é considerada crucial para a busca dos objetivos, devendo reproduzir as situações de maneira muito próxima ao que irá acontecer nos jogos (OLIVEIRA, 2005).

Cada posição possui funções especializadas e estas exigem cargas fisiológicas distintas (tipo de movimentação, distância percorrida, intensidade de corridas e sistemas energéticos predominantes), mostrando, com isso, a importância de programas de treinamentos específicos (BONIN; SCHUTZ, 2011). No caso da função de goleiro, estudos comprovam que as ações do goleiro no jogo são de curta e curtíssima duração. Por isso, o goleiro lança mão do metabolismo anaeróbio imediato, fonte energética predominante, responsável pelo fornecimento de energia nos instantes iniciais das ações (BROOKS; FAHEY; BALDWIN, 2004).

Mesmo com essa evidência científica, com a inserção dos primeiros preparadores de goleiros nas comissões técnicas dos clubes, o treinamento em sua maior parte ainda era baseado nas heranças práticas destes profissionais, que em sua maioria eram ex-goleiros. (GALLO; ZAMAI; OLIVEIRA, 2011). Até o surgimento dos treinos específicos de goleiros, os principais meios de treinamentos eram exercícios ginásticos, jogos e coletivos (CARLESSO, 1981). Além disso, também desenvolviam exercícios com pesos, finalizações com o restante do grupo e cruzamentos sobre a área (BORGSMANN, 2003).

Atualmente, no treinamento de goleiros, a especificidade é a chave para o aprimoramento das características individuais de cada goleiro (SIMÕES; NETO; OLIVEIRA, 2006). Especificidade é a rotina de treinar os princípios pertencentes à forma com que se deseja jogar, de modo que o treino é o condicionador das tomadas de decisão exigidas a todo o momento no jogo. Com o treino, constituem-

se imagens e padrões neurais como os princípios que se pretende estabelecer, esperando que estes possam emergir espontaneamente no jogo (CAMPOS, 2008).

Planejar e executar treinamentos de caráter específicos visam, acima de tudo, à potencialização da transferência do processo de treino para os jogos. Os exercícios devem induzir a adaptações específicas a fim de promover uma maior eficácia em momentos competitivos (PEREIRA, 2006). Os estímulos oferecidos na rotina de treinamentos devem ser, preferencialmente, imprevisíveis e aleatórios como é o jogo (SILVA; SANTOS; JÚNIOR, 2009). É importante destacar que, embora o sucesso no futebol seja multifatorial, o treino ainda é a forma mais importante e influente na preparação de atletas para competição (GARGANTA, 2006).

2.7 Os métodos de preparação de goleiros

Muitos estudos na realidade americana da década de 1960 remetiam à necessidade de encontrar o método ideal de treinamento dos esportes coletivos (COSTA; NASCIMENTO, 2004). Nesta mesma época, o treinamento de goleiros em nada correspondia às necessidades da posição. A partir de 1980, a literatura passou a oferecer uma série de novos métodos de ensino de esportes coletivos (COUTINHO; SILVA, 2009). No caso específico da preparação de goleiros, é lançado em 1981 o Manual de Treinamento de Goleiros, escrito pelo Professor Raul Carlesso. Esta obra tornou-se um marco na literatura das questões específicas do goleiro, de forma que muitas de suas concepções são seguidas até os dias atuais (TELLES; MIRANDA, 2006).

A fim de nortear o ambiente da preparação de goleiros nesta época, Júnior, ex-lateral da Seleção Brasileira e do Flamengo, em entrevista a Simon (2010), fez referência à preparação de goleiros na década de 1960 em seu clube:

A preparação de goleiros ainda estava começando. Não era tão específica como hoje. Nosso preparador era o Modesto Bria, que tinha perto de 60 anos. Apesar disso, ele chutava muito forte e com grande precisão (SIMON, 2010, p.105).

Este comentário apresenta a grande valorização dada à qualidade dos chutes e não mostra preocupação com uma das grandes discussões do futebol atualmente,

que se concentra na organização e dinâmica dos exercícios, na estrutura temporal, nos meios, métodos e no conteúdo para o longo processo de treino (TEOLDO *et al.*, 2010).

A preparação de goleiros apresentava sessões de treinos que se caracterizavam por treinos metabólicos extensos, o que nem sempre estimulava adequadamente as necessidades dos atletas desta função (AOKI, 2002). Séries longas e extenuantes de exercícios moldavam goleiros extremamente resistentes, indo na contramão da posição, que visa ao desenvolvimento técnico com ênfase na agilidade e rapidez (TELLES; MIRANDA, 2006).

Tradicionalmente, o treinamento de goleiros se caracterizava por exercícios analíticos, aliando elementos físicos e técnicos, com predominância da prática em blocos. Tem características de previsibilidade e desenvolvido em ambiente estável privilegiando a prática de habilidades motoras fechadas (ARRUDA *et al.*, 2013). No entanto, a evolução metodológica pode levar os futebolistas a passarem de uma atitude limitada por padrões de rigidez para uma atitude mais inteligente, consciente, crítica, criativa, participativa, intencional e organizada (CARRAVETTA, 2006).

Torna-se importante oferecer aos goleiros atividades individuais e com todo o grupo de jogadores. Atividades que propiciem a compreensão dos objetivos físicos, técnico-tático dos goleiros e treinos integrados, fazendo do goleiro um elemento participativo na equipe, com autonomia de suas ações, capacidade de lidar com a imprevisibilidade e de adquirir táticas individuais de acordo com suas percepções. Para isso, é importante estimular a percepção das situações de jogo dos goleiros, propondo primeiramente exercícios de grau de dificuldade baixo, porém com situações imprevisíveis do jogo (ARRUDA *et al.*, 2013).

Com o passar dos anos, vem se inserindo fortemente no futebol linhas de treinamento sistêmicas que visam potencializar a criatividade, o senso crítico, a cognição e a efetiva participação em treinos e jogos (CARRAVETTA, 2006). Essa inserção facilita o desenvolvimento do comportamento tático completo do goleiro, tendo em vista a maior dinâmica e agressividade que o jogo exige deste atleta (ARRUDA *et al.*, 2013). Uma metodologia de treino com bases científicas e teóricas possibilita ao atleta não somente ser um executor mecânico, mas sim tornar-se um ser pensante, capaz de escolher a resposta pertinente para cada ocasião (GARGANTA, 2001). O futebol não pode ser reduzido a um modelo de escolha binária, promovendo, assim, um empobrecimento e uma estereotipia de

comportamentos (GARGANTA; GRÉHAIGNE, 1999). Cabe ao preparador possuir conhecimento de várias metodologias de ensino, podendo, assim, refletir e escolher a que mais se adequa à realidade vivida no momento (COSTA; NASCIMENTO, 2004).

Diante do tema abordado, fica a indagação: na prática, o que condiciona mais: os chutes de um preparador de goleiros (alvo pré-definido, ambiente fechado), ou treinos dinâmicos situacionais, de trinta atletas diferentes, chutando de formas, distâncias e intensidades distintas (ambiente aberto)? Este questionamento pode evidenciar o nível de conhecimento do preparador a respeito de métodos. É partindo desse questionamento que esta pesquisa emerge, visando a conhecer o ambiente de preparação de goleiros no estado do Rio Grande do Sul.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo com delineamento transversal do tipo censo. Estudos transversais se caracterizam por ser uma eficiente ferramenta para descrever uma população (BASTOS; DUQUIA, 2007). Por outro lado, estudos censitários têm a propriedade de identificar todos os elementos da classe pesquisada (LIMA-COSTA; BARRETO, 2003).

3.1 População

O estudo terá como população os goleiros e preparadores de goleiros que trabalharam nos clubes participantes das séries A-1, A-2 e B no estado do Rio Grande do Sul na temporada 2014. Estarão aptos a participar do estudo os goleiros participantes do grupo profissional de cada agremiação e os preparadores de goleiros das mesmas agremiações na referida temporada. Estima-se que haja, aproximadamente, 184 goleiros ($n=184$) e 46 preparadores ($n=46$), totalizando 230 entrevistados.

Cabe ressaltar que, com relação a essas competições, além de serem realizadas em períodos distintos, é facultado aos profissionais (goleiros e preparadores) trabalhar em mais de uma das séries. Eles dependem, dessa forma,

das demandas de mercado, visto que se trata de uma relação trabalhista (profissional do futebol – clube). Sendo assim, este fator poderá motivar uma eventual diminuição no valor do “n” estimado.

3.2 Instrumentos

A fim de viabilizar a realização da pesquisa, serão utilizados como instrumentos para coleta de dados dois questionários. Um deles conta com 82 questionamentos e será aplicado aos preparadores de goleiros (Apêndice 1). Já o segundo é composto por 67 perguntas fechadas e será dirigido aos goleiros (apêndice 2). O objetivo desses documentos é conhecer a opinião destes profissionais acerca da preparação de goleiros.

O roteiro dos questionários foi adaptado de Crizel, Rech e Trentin (2011), buscando basear-se nos conceitos e princípios evidenciados em trabalhos anteriores, bem como nas variáveis e fins propostos por este estudo. A aplicação desses instrumentos acontecerá através do envio do questionário ao participante via e-mail. Após a leitura do documento enviado pelo indivíduo, sempre que existir uma resposta duvidosa ou mal preenchida, será realizado novo contato telefônico para sanar possíveis imprecisões. O Quadro 1 apresenta as variáveis que serão coletadas no estudo junto aos preparadores de goleiros.

Quadro 1. Variáveis de análise de dados, atreladas aos objetivos específicos do estudo junto aos preparadores de goleiros

Variáveis	Definição	Escala	Operacionalização
Idade	Numérica discreta	Anos completos	Variável contínua (idade)
Cor ou raça	Catégorica nominal	Escala de 1 a 6	1= Branca; 2= Preta; 3= Amarelo; 4= Indígena; 5: Parda; 6= Outra,_____.
Grau de instrução	Catégorica ordinal	Escala de 1 a 8	1= Não estudou; 2= Fundamental incompleto; 3= Fundamental completo; 4= Médio incompleto; 5= Médio completo; 6= Superior incompleto; 7= Superior completo; 8= Pós-graduado _____.
Formação acadêmica em Educação Física	Catégorica nominal	Escala de 1 a 4	1= Estudante; 2= Formado; 3= Provisionado; 4= Nenhuma das anteriores.
Tempo de profissão	Numérica contínua	Números reais	Variável contínua (Anos de trabalho na função).
Tempo de vivência como goleiro	Numérica contínua	Números reais	Variável contínua (Anos de vivência como goleiro).

Número ideal de goleiros por treino	Numérica discreta	Números absolutos	Variável contínua (Número de goleiros).
Tempo total do aquecimento de jogo	Numérica contínua	Números absolutos	Variável contínua (Tempo do aquecimento em minutos).
Principais características necessárias a um goleiro	Categórica ordinal	Escala decrescente de importância (1-4)	() Físicas; () Técnicas; () Psicológicas; () Táticas.
Características necessárias a um preparador de goleiros	Categórica nominal	Escala decrescente de importância (1-4)	() Conhecimento de treinamento esportivo; () Habilidades de execução; () Possuir boas noções de psicologia; () Conhecimentos específicos do goleiro
Em quais capacidades físicas e motoras está baseado seu trabalho?	Categórica nominal	Escala de 1 a 7	1= Velocidade; 2= Agilidade; 3= Resistência orgânica; 4= Resistência de força; 5= Força explosiva; 6= Coordenação; 7= Outras, quais? _____
O que é mais importante a um preparador?	Categórica nominal	Escala decrescente de importância de 1-4	() ter sido goleiro; () ser profissional de EF; () ter sido atleta; () nada em específico; () Outra, qual: _____
Peso corporal	Numérica contínua	Kg	Variável contínua (massa corporal).
Estatura	Numérica contínua	M	Variável contínua (estatura).
IMC	Numérica contínua	Números reais	Variável categórica (1= Eutrófico; 2= Sobrepeso; 3=Obesidade).
Gradue a importância dos tipos de treinos	Categórica ordinal	Escala decrescente de importância de 1-4	() Cruzamentos; () Chutes; () Reposições; () Componentes técnicos do goleiro ou específico.
Compare determinando valores para os chutes do preparador, e separadamente o dos companheiros	Categórica ordinal	Escala de 1 – 10	Variável contínua (Escala de importância de menor (1) para maior (10)).
Compare determinando valores para os cruzamentos do preparador, e separadamente o dos companheiros	Categórica ordinal	Escala de 1 – 10	Variável contínua (Escala de importância de menor (1) para maior (10)).
Compare determinando valores para o treino específico, e separadamente para os chutes em mini jogos	Categórica ordinal	Escala de 1 – 10	Variável contínua (Escala de importância de menor (1) para maior (10)).
Qual sua principal virtude	Categórica nominal	Conceitual	Auto referida
Qual sua principal dificuldade	Categórica nominal	Conceitual	Auto referida
Principal mudança na preparação nos últimos 5 anos	Categórica nominal	Conceitual	Auto referida

As variáveis apresentadas no Quadro 2 serão dirigidas somente aos goleiros. Por isso, são apresentadas de maneira à parte.

Quadro 2. Variáveis acrescidas ao questionário dos goleiros

Variáveis	Definição	Escala	Operacionalização
Defina o grau de diversidade nos trabalhos propostos pelo preparador	Categórica ordinal	Escala de 1 – 10	Variável contínua (Escala de importância, menor (1) menos diversificada, para maior (10) muito diversificada).
Defina acerca da criatividade nos trabalhos propostos	Categórica ordinal	Escala de 1 – 10	Variável contínua (Escala de importância, menor (1) menos criativo, para maior (10) muito criativo).
Defina acerca da especificidade dos trabalhos propostos	Categórica ordinal	Escala de 1 – 10	Variável contínua (Escala de importância, menor (1) menos específico, para maior (10) muito específico).
Seu preparador lhe apontou sua principal virtude	Categórica nominal dicotômica	() Não; () Sim	Apontou / Não apontou
Seu preparador lhe apontou seu principal defeito	Categórica nominal dicotômica	() Não; () Sim	Apontou/ Não apontou
Qual a principal característica do seu melhor preparador	Categórica nominal	Conceitual	Auto referida
Qual a pior característica de um preparador	Categórica nominal	Conceitual	Auto referida

3.3 Procedimentos

Primeiramente, será realizado um levantamento dos clubes participantes dos campeonatos de futebol profissionais do estado do Rio Grande do Sul na temporada de 2014. Em seguida, será feita uma busca nos sites das agremiações participantes, a fim de conhecer os preparadores de goleiros destes clubes. Para as instituições que não possuírem página eletrônica, ou se elas não estiverem atualizadas, será utilizada uma rede de contatos com pessoas do âmbito esportivo, a fim de identificar os preparadores de goleiros destas agremiações.

Após o levantamento, será elaborada uma lista com os telefones destes profissionais. Sendo assim, a proposta será apresentada aos participantes, por meio de contato telefônico, com o cuidado de informar sobre o objetivo da pesquisa e o direito à não participação ou à desistência a qualquer instante do estudo. A

abordagem inicial será feita junto aos preparadores. Será solicitado a eles que indiquem quais foram os goleiros que compuseram o elenco de goleiros da equipe profissional nestas competições e seus respectivos contatos telefônicos. Em seguida, serão realizados os contatos telefônicos de apresentação da pesquisa junto aos goleiros.

Após o contato telefônico, serão catalogados os endereços residencial e eletrônico, tanto de preparadores quanto de goleiros, a fim de enviar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1), em duas vias. Uma ficará de posse do entrevistado e a outra deverá ser assinada e remetida aos pesquisadores, via e-mail, correios ou fax. Juntamente com estes documentos, será enviado o questionário de pesquisa.

Tão logo o participante reenvie os documentos assinados e preenchidos, o pesquisador fará a conferência da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do correto preenchimento do questionário de pesquisa. Caso haja alguma questão, será realizado novo contato telefônico junto ao pesquisado, a fim de tentar obter as respostas.

3.4 Estudo Piloto

Para a verificação dos instrumentos de pesquisa, será realizado um estudo piloto com uma amostra selecionada por conveniência, com goleiros e preparadores de goleiros participantes do Estadual de Júniores (sub 20), do estado do Rio Grande do Sul. Serão entrevistados oito goleiros e quatro preparadores de goleiros, representantes das equipes que ficaram entre a quinta e a oitava colocação no campeonato estadual da categoria na temporada de 2014. A amostra será dividida em dois grupos iguais de dois preparadores e quatro goleiros em cada grupo. No primeiro grupo, a coleta acontecerá com envio dos questionários por e-mail. Após o recebimento dos resultados, se for necessário confirmar alguns dados, será feito um contato telefônico. Com o segundo grupo, a coleta acontecerá integralmente por contato telefônico.

De acordo com os resultados irá se observar o melhor procedimento de coleta. Além disso, irá ser observada a aplicabilidade e eficiência dos questionários

para alcançar os objetivos pretendidos. Serão realizadas adequações nos instrumentos caso seja verificada a necessidade de.

3.5 Análises estatísticas

Os escores anotados nos questionários serão organizados em uma planilha *Excel* e, posteriormente, transferidos para o software estatístico *Stata*, versão 12. Os resultados encontrados serão submetidos à estatística descritiva.

3.6 Possíveis estudos

Esta pesquisa servirá de manancial para a escrita científica na área da preparação de goleiros. Sua grande abrangência possibilitará várias abordagens acerca do tema, desde análises mais amplas, passando por enfoques mais específicos, esmiuçando aspectos referentes somente ao goleiro ou ao preparador. Isso se deve em virtude da riqueza e variedade dos dados coletados. Sendo assim, segue abaixo uma lista preliminar com artigos a serem desenvolvidos a partir deste trabalho:

- A preparação de goleiros no Rio Grande do Sul;
- O perfil antropométrico dos goleiros no Rio Grande do Sul em 2014;
- Princípios metodológicos da preparação de goleiros no Rio Grande do Sul;
- A importância do preparador no desempenho do goleiro;
- A influência étnico-racial na seleção do goleiro.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. C.; COSTA S.G. **O futebol e a rivalidade**: Uma dimensão simbólica da violência. SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA & POLÍTICA, II. 2010.

ANDRADE, G. P.; **Qualidade físicas, técnicas, táticas e psicológicas dos goleiros de futebol de campo**. 2008. (Trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis.

AOKI, M. S. **Fisiologia, Treinamento e Nutrição Aplicados ao Futebol**. Jundiaí: Fontoura, 2002.

ARRUDA M.; MARIA T. S.; CAMPEIZ J. M.; BOLAÑOS M. A. C. **Futebol**: Ciências aplicadas ao jogo e ao treinamento. 1.ed. São Paulo: Phorte Editora, 2013. 560p.

BASTOS, J.L.D.; DUQUIA R. P. **Um dos delineamentos mais empregados em epidemiologia**: estudo transversal. Scientia Medica, Porto Alegre, Vol. 17, Núm. 4, p. 229-232, 2007.

BETING, Mauro. **Nunca fui santo**. São Paulo: Universo dos livros, 2012. 168p.

BONIN, F. S.; SCHUTZ, G. R. Utilização do GPS no futebol. Disponível em: <http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000000/000000000014/000014BD.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2014.

BORGMANN, L. V. **Preparação de goleiros para futebol**. 2003. (Trabalho de Conclusão de curso superior) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo.

BRASIL, A. N. **Proposta metodológica para a formação do jovem guarda-redes de futebol**. Revista Digital/EFdeportes - Buenos Aires - Año 10 - N° 69 -Febrero de 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>

BROOKS, G.A.; FAHEY, T.D.; BALDWIN, K. **Exercise Physiology**: Human Bioenergetics and Its Applications. McGraw-Hill. New York, 2004.

CABEZÓN, J. M. **Proposta de un modelo de entrenamiento del portero de fútbol moderno**. Revista Digital/Efdeportes - Buenos Aires - Año 7 - N° 38 - Julio de 2001. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>

CAMPOS, C. C. A.. **A Justificação da Periodização Tática como uma fenomenotécnica: a singularidade da intervenção do treinador como a sua impressão digital**. MCSports. Madrid, 2008. 188p.

CARLESSO, R. A. **Manual de treinamento do goleiro**. Rio de Janeiro: Palestra, 1981.

CARRAVETTA, E. **Modernização da Gestão no Futebol Brasileiro: Perspectivas Para a Qualificação do Rendimento Competitivo**. Editora AGE. Porto Alegre. 2006.

CORRÊA, D. K. A. **A construção de competências coletivas em equipes esportivas: O caso do futebol**. 2004. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

COSTA, L. C. A.; NASCIMENTO J. V. O Ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Revista da Educação Física**, Maringá, PR, v.15, n.2, p.49-56. 2004.

COUTINHO, N. F.; SILVA, S. A. P. S.; Conhecimento e aplicação de métodos de ensino para os jogos esportivos coletivos na formação profissional de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, RS, v.15, n.1. p.117-144, 2009.

CRIVELLENTI, F. C.; SOARES, F. L.; **Organização e evolução do sistema tático no futebol**. 2005. (Monografia de graduação em Educação Física) – Centro Universitário Clarentiano, Batatais, SP.

CRIZEL, D. R. da S; LIBERALI, R.; NAVARRO, F.; Características metodológicas dos preparadores de goleiros das equipes participantes da Copa Federação Gaúcha de Futebol 2011/2. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v.4, n.11. 2012.

CRIZEL, D. R. da S.; RECH, R. R.; TRENTIN, D. Sintomas osteomusculares em preparadores de goleiros da Série A do Campeonato Gaúcho 2009. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, vol. 19. Núm. 2. p. 225-31.2011.

CUNHA, S. A.; BINOTTO, M. R.; BARROS, R. M. L. Análise da variabilidade na medição de posicionamento tático no futebol. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.15, n.2, jul/dez. 2001.

FERREIRA, M. A. **Eficácia de liderança em treinadores de futebol. Estudo da percepção de jogadores seniores masculinos**. 2008. (Dissertação de licenciatura apresentada à faculdade de desporto da Universidade do Porto) – Universidade do Porto, Porto.

FIGUEIREDO, A. S. **Métodos de treinamento de goleiros de futebol na categoria infantil em clubes profissionais do Vale dos Sinos**. 2010. (Trabalho de conclusão de curso) - FEEVALE. Novo Hamburgo.

FILGUEIRA, F. M.; GRECO, P. J; Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino aprendizagem– Treinamento. **Revista Brasileira de Futebol**, v.1, p.53-65. 2008.

GALLO, C. R.; ZAMAI, C. A.; VENDITE, L.; LIBARDI, C. Análise das ações defensivas e ofensivas, e perfil metabólico da atividade do goleiro de futebol profissional. **Conexões**, vol. 8. Núm. 1. p. 16-37. 2010.

GALLO, C. R.; ZAMAI, C; OLIVEIRA, G. Q. Avaliação da força explosiva de membros inferiores em goleiros de futebol da categoria sub 17. **EFDeportes.com/Revistadigital**, Buenos Aires, n.161, 2011.

GARGANTA, J. M. S. **Modelação táctica do jogo de futebol: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento**. 1997. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto.

GARGANTA SILVA, J. M. O ensino dos jogos desportivos coletivos. Perspectivas e tendências. **Movimento**, a.4, n.8, 1998.

GARGANTA, J.; GRÉHAIGNE, J. J. Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade? **Movimento**, n.10, 1999.

GARGANTA, J.; SILVA, P. C. O jogo de futebol: entre o caos e a regra. **Revista Horizonte**, n.16, p.5-8. 2000.

GARGANTA, J. Conocimiento y acción em el fútbol. Tender um puente entre la táctica y la técnica. **Revista de Entrenamiento Deportivo**, Espanha, v.15, n.1, p.15-24, 2001.

GARGANTA, J. Futebol: uma arte em busca da ciência e da consciência? **Horizonte Revista de Educação Física e Desporto**, n.21, p.21-25. 2006.

GASTALDO, E. “O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 22, jul/dez. 2009, p. 352-369

GUILHERME, P. **Goleiros**: Heróis e anti-heróis da camisa 1. São Paulo: Alameda, 2006.

GOMES, M. S. **O desenvolvimento do jogar, segundo a Periodização tática**. 2ed. MCSports. Madrid, 2014. 180p.

GONÇALVES, G. A.; NOGUEIRA, R. M. O. Para goleiros de futebol: uma proposta de macrociclo. **Estudos**, Goiânia, vol. 33. n.7/8, p. 531-543. 2006.

KNOPP, M., JAIME, F.F.; FERRAUTI, A. Evaluation of a specific reaction and action speed test for the soccer goalkeeper. **Journal of Strength & Conditioning Research**, v.27, n.8, p.2141-2148, 2013.

KRAUSE, Guilherme Kurtz. **O futebol como um meio construtor de identidades**. 2010. Monografia (Graduação em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LIMA-COSTA, M. F.; BARRETO, S. M. Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, vol. 12. Núm. 4, p. 189 – 201. 2003.

LÓPEZ, R. M. Metodología de enseñanza del fútbol y su aplicación al portero. **EFDeportes/Revista Digital**, Buenos Aires, n.70, 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>

MADIR, I. R. Nuevas perspectivas del entrenamiento del portero de fútbol em el desarrollo evolutivo. **Apunts**, Barcelona, n.69, p.27-36, 2002.

MARTINS J. P. **Goleiros, exigências e especificidade**. 2001. (Trabalho de conclusão de curso superior) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo.

MORO, V. L.; FUKU, K.; CANCIAN, L.; MATHEUS, S. C.; MORO, A. R. Capacidade anaeróbia em futebolistas de diferentes níveis competitivos: Comparação entre diferentes posições de jogo. **Motricidade**, Vila real, v.8, n.3, p. 71-80, 2012.

MOURA, F. A. **Análise das ações técnicas de jogadores e das estratégias de finalizações no futebol, a partir do *traking* computacional**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

OLIVEIRA, R. A planificação, programação, e periodização do treino em futebol. Um olhar sobre a especificidade do jogo de futebol. **EFDeportes/Revista Digital**, Buenos Aires, n.89, out. 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>

OLIVEIRA, C. H. C.; SILVA, H. L. R.; CUNHA, M. A. **Aspectos sócio-culturais do futebol para crianças de 7 a 13 anos inseridas em escolinhas de iniciação esportiva**. 2011. (Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Educação Física) - Universidade Estadual de Goiás, Caldas Novas.

PEREIRA, L. F. G. **Modelação do jogo de Futebol: Comparação das percepções dos treinadores: Modelo de jogo ideal versus modelo de jogo real**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto.

PIRES, P. J. S. N. **Intensidade de esforço no Futebol - Jogos Reduzidos e Limite de Toques**. 2011. Dissertação (Mestrado em Treino desportivo) – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

PLIHAL, A.; CENI, R. **Maioridade Penal: 18 Anos de Histórias Inéditas da Marca da Cal Contadas por André Plihal**. 1 ed. São Paulo: Panda Books, 2009.

POLITO, D.; WOOD, T.; RUCCO, J. **Digitone: A novel soccer goalkeeping device**, 2013. Monografia (Bacharelado em Ciência) – Worcester Polytechnic Institute, Worcester.

PROCHNIK, L. **O futebol na telinha: A relação entre o esporte mais popular do Brasil e a mídia.** In: CONGRESSO DE COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 15. 2010, Vitória. Anais do XV Congresso de Comunicação da Região Sudeste. São Paulo: INTERCOM, 2010.

QUEIROZ, R. M.; SILVA, F. R. **Profissão goleiro: Da iniciação ao alto rendimento.** 1.ed. São Paulo: Phorte, 2012. 200p.

RIBEIRO, V. C.; VOSER, R. C. Fatores motivacionais que levam a escolha da posição de goleiro no futebol. **EFDeportes.com/Revista Digital**, Buenos Aires, ano 16 – n.156 - maio de 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>

RIGOTTI, S.R. **Perfil dos treinadores de goleiro dos clubes de futebol da série “A-1” do Campeonato Catarinense de 2005.** 2006. (Trabalho de conclusão de curso de Bacharel em Educação Física e Esportes) - Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Florianópolis.

RODRIGUES, E.F.; MONTAGNER, P.C. Esporte-espetáculo e sociedade: Estudos preliminares sobre sua influência no âmbito escolar. **Conexões**, Campinas, v.1, n.1. 2003.

SANTORO, M. A., SOARES, A. J.; HELAL, R. A invenção do “Futebol-Arte”: as narrativas jornalísticas sobre a seleção de 1970. **Contemporânea**, n 3, 2004.

SILVA, H. **A organização de jogo de uma equipa de futebol. Uma abordagem sistêmica na construção de uma forma de jogar.** 2008. Dissertação (Licenciatura em Desporto) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto.

SILVA, P. M.; SANTOS, P. M. O.; JUNIOR, N. K. M. Treinar futebol respeitando a essência do jogo: o exemplo do salto como ação tática e não somente técnico-física. **Revista da Faculdade de Educação Física UNICAMP**, Campinas, SP, v.7, n.2, p.38-63, 2009.

SIMÕES, A.; NETO, A. P.; OLIVEIRA, A. Comparação de testes neuromotores e antropométricos de goleiros de futebol de campo e de futsal da primeira divisão do estado de São Paulo. **Revista ENAF Science**, v.1, n.1, 2006.

SIMON, L. A. **Os 11 maiores goleiros do futebol brasileiro.** 1.ed. São Paulo: Contexto, 2010. 253p.

SOARES, J. R. **A arte do futebol: técnicas, táticas e preparação dos atletas**. Fortaleza: EUFC, 1997.

SOROKA, A.; BERGIER, J. The Relationship among the somatic characteristics, age and covered distance of football players. **Human Movement**, Biafa Podlaska, Poland. vol.12 (4), 353-360, 2011.

TELLES, S. C. C.; MIRANDA, O. T. **A preparação de goleiros e sua evolução**. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER, EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA E CONGRESSO LATINO AMERICANO DE HISTÓRIA DE LA EDUCACIÓN. Anais. Curitiba. 2006.

TEOLDO, L.; GARGANTA, J.; GRECO, P. J.; COSTA, V. T. Estrutura temporal e métodos de ensino em jogos desportivos coletivos. **Revista Palestra**, v.10, p.26-33, 2010.

THIENGO C. R.; HUNGER, D. A. C. F.; OLIVEIRA, I. S. **Os saberes dos agentes na Identificação de goleiros brasileiros**. UNESP – Lençóis Paulista. 2009. Disponível em: <www2.rc.unesp.br/eventos/...____/sef2009-0368-1-A-01.doc.>

TRUBIAN, L; MARRAMARCO, C. A. Comparação do tempo de reação entre goleiros de futebol e futsal. In: FONSECA, Gerard Mauricio Martins *et al.* (orgs.) **Estudos de futsal**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2011. p.57-66.

VÍDERO SANTOS, L. M. **A evolução da gestão no futebol Brasileiro**. 2002. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, SP.

VOSER, R. C.; GUIMARÃES, M. G. V.; RIBEIRO, E. R. **Futebol: história, técnica e treino de goleiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

WALTRICK, C. **Futebol: Aspectos históricos e evolução das regras e arbitragem**. 2009. (Trabalho de conclusão do curso de Educação Física) – Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Florianópolis.

2 RELATÓRIO DO TRABALHO DE CAMPO

(Dissertação de Daniel Ricardi Crizel da Silva)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



RELATÓRIO DO TRABALHO DE CAMPO

A preparação dos goleiros profissionais de futebol no Rio Grande do Sul

Daniel Ricardi Crizel da Silva

Orientador: Airton José Rombaldi

Pelotas – RS
2015

Relatório do Trabalho de Campo

1 Introdução

Esta secção visa apresentar informações relativas ao estudo denominado: “A preparação dos goleiros profissionais de futebol no Rio Grande do Sul”. Este trabalho está vinculado à linha de pesquisa em Atividade Física e Desempenho, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

A coleta de dados da pesquisa aconteceu no período compreendido entre os dias 20 de julho a 20 de novembro de 2014, tendo como finalidade descrever o cenário da preparação dos goleiros profissionais de futebol no estado do Rio Grande do Sul. Para tanto, serviram de referência os profissionais envolvidos na prática, goleiros e seus treinadores de goleiros.

Trata-se de um estudo com delineamento transversal do tipo censo. Estavam aptos a participar todos os goleiros e preparadores de goleiros que trabalhavam nos clubes participantes das séries A1, A2 e B no estado do Rio Grande do Sul na temporada de 2014. Para a coleta de dados, foram utilizados dois questionários confeccionados de forma específica, a fim de investigar as variáveis pretendidas. Sendo assim, o relatório de trabalho de campo busca descrever toda a rotina metodológica que envolveu a sua realização.

2 Confeção dos questionários

Foram utilizados para coleta de dados dois questionários confeccionados pelos autores. Os questionários foram adaptados de inquéritos anteriores, utilizado por um dos autores em estudos com preparadores de goleiros. Sendo assim, foi composto com perguntas específicas de acordo com a categoria pesquisada (preparadores e goleiros). O questionário voltado aos preparadores era composto de 82 questionamentos. Já o questionário destinado aos goleiros possuía 67 perguntas fechadas.

Tomou-se o cuidado para que as questões selecionadas fossem capazes de abordar as variáveis que se buscava analisar. Foram abordadas variáveis sócio-

demográficas, metodológicas, de nível de satisfação e de características de trabalho, visando a atender aos objetivos específicos.

3 Estudo piloto

Foi realizado um estudo piloto com uma amostra selecionada por conveniência, com goleiros e preparadores de goleiros participantes do Estadual de Júniores (sub 20), do Estado do Rio Grande do Sul. Nenhum dos participantes do estudo piloto, tanto goleiros quanto preparadores, fizeram parte do grupo de atletas da categoria profissional de seu clube. Foram entrevistados oito goleiros e quatro preparadores de goleiros de equipes que ficaram entre a quinta e a oitava colocação no campeonato estadual da categoria na temporada de 2014. A amostra foi dividida em dois grupos iguais de dois preparadores e quatro goleiros em cada grupo. No primeiro grupo pesquisado, a coleta aconteceu com envio dos documentos por e-mail. Após o recebimento dos resultados, se fosse necessário confirmar alguns dados, foi feito um contato telefônico. Com o segundo grupo, a coleta aconteceu integralmente por contato telefônico.

De acordo com os resultados, optou-se pelo procedimento de envio via e-mail, correios ou fax. Posteriormente, se necessário, era efetuado um contato telefônico. No que se refere à aplicabilidade e eficiência dos questionários para alcançarem os objetivos pretendidos, foi verificada a necessidade de adequações nos instrumentos, as quais foram realizadas. Na questão em que era perguntada sobre as capacidades físicas e motoras em que se baseia o treinamento de goleiros, foi observada a necessidade de ampliação do número alternativas de respostas. Sendo assim, foi incluída a alternativa “outras, quais?”, tornando possível ao entrevistado apresentar a resposta de forma mais abrangente. Além disso, constatou-se, junto aos goleiros, alto grau de dificuldade para responder quantas partidas haviam jogado na temporada, possibilitando a ocorrência de viés de memória. Por isso, este questionamento foi alterado. Ao invés de questionar quantos jogos havia jogado na temporada, foi perguntado tão somente se o goleiro havia ou não jogado alguma partida na temporada. Outras duas perguntas foram retiradas do inquérito pelo mesmo motivo, são elas: Quantos jogos você (goleiro) foi reserva?

Quantos jogos você (goleiro) não esteve entre os jogadores relacionados para o jogo?

4 Trabalho de campo

Inicialmente foi realizado um levantamento dos clubes participantes dos campeonatos de futebol profissional, realizados no estado do Rio Grande do Sul. Em seguida, foi feita uma busca nos sites das agremiações participantes, a fim de conhecer os profissionais (preparadores e goleiros) que faziam parte do grupo de atletas e da comissão técnica do clube. Para as instituições que não mantinham página eletrônica na internet ou para as páginas que não estavam atualizadas, fez-se uso de uma rede de contatos de pessoas do âmbito esportivo, a fim de tomar conhecimento de quem inicialmente eram os preparadores de goleiros destas agremiações.

Feito o levantamento, elaborou-se uma lista com os telefones destes profissionais. O próximo passo foi apresentar a proposta aos participantes, por meio de contato telefônico, com o cuidado de informar sobre o objetivo da pesquisa e o direito à não participação ou à desistência a qualquer instante do estudo. A abordagem inicial foi feita junto aos preparadores. Foi solicitado a eles que indicassem quais foram os goleiros que compuseram o elenco da equipe profissional em que trabalhou e seus respectivos contatos telefônicos. Em seguida, foram realizados os contatos telefônicos de apresentação da pesquisa junto aos goleiros.

Após o contato telefônico, foram catalogados o endereço residencial e os eletrônicos, a fim de enviar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias. Uma ficou de posse do entrevistado e a outra foi assinada e remetida ao pesquisador, via e-mail, correios ou fax. Juntamente com estes documentos, foram enviados os questionários de pesquisa.

Tão logo o participante enviou os documentos assinados e preenchidos, o pesquisador fez a conferência da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do correto preenchimento do documento de pesquisa. Caso houvesse questões em branco, era realizado novo contato telefônico junto ao pesquisado, a fim de tentar obter as respostas. Esta etapa foi encerrada com um total de 185 profissionais entrevistados, entre eles 51 preparadores de goleiros e 134 goleiros.

5 Processamento de dados

Os escores anotados nos questionários foram organizados em uma planilha *Excel* e, posteriormente, transferidos para o software estatístico *Stata*, versão 12. Os resultados encontrados foram submetidos à estatística descritiva, sendo as variáveis categóricas expressas em número absoluto e percentual e as variáveis numéricas, como médias $\pm$ desvio-padrão

6 Perdas e recusas

Após realizada a coleta de dados, somente dois indivíduos enquadraram-se em perdas ou recusas. Ambos eram goleiros. Em um dos casos, não foi possível contatá-lo por meio de ligação telefônica, sendo caracterizando como perda. No outro caso, o indivíduo, mesmo após contato verbal positivo quanto à participação, não respondeu ao questionário após o envio para seu e-mail. Dessa forma, toda a população de preparadores de goleiros foi pesquisada, totalizando 51 profissionais. Já entre os goleiros, dentre uma população de 136, 134 foram pesquisados. Reunindo ambas as classes, dos 187 indivíduos, 1,8% foi considerado perda e 1,8% recusa, totalizando assim 3,4%.

É importante destacar que nem todos os clubes possuíam em seu grupo de atletas quatro goleiros, como havia sido estimado inicialmente. Entre os preparadores de goleiros, o número foi subestimado em função de alguns clubes possuírem preparadores auxiliares, de forma que estes também foram entrevistados. Além disso, as trocas de preparadores em meio a competição foram responsáveis pelo aumento do número de preparadores. Estes fatores foram motivadores da alteração do “n” estimado que, entre os goleiros, era de 184 (n=184) e, entre os preparadores, era de 46 (n=46). Não representando assim perda ou recusa.

De posse dos resultados, optou-se pela elaboração e defesa de um artigo descritivo, com o objetivo de melhor descrever o cenário da população pesquisada. No entanto, os dados e variáveis desta dissertação farão parte de outros artigos científicos a serem publicados em revistas indexadas na área, conforme previa o projeto da pesquisa.

7 Modificações do projeto original

Com base no projeto de pesquisa, a coleta de dados aconteceria através de entrevista. Após a realização do estudo piloto, foi constatado pelos autores que a forma que melhor viabilizaria a realização do trabalho era através do preenchimento de questionários entregues via e-mail, correios ou fax. Após recebimento e a conferência do documento preenchido, se houvessem questões em branco, era realizado novo contato telefônico junto ao pesquisado, a fim de tentar obter as respostas.

ARTIGO

(Dissertação de Daniel Ricardi Crizel da Silva)

Artigo Original

A PREPARAÇÃO DE GOLEIROS NO RIO GRANDE DO SUL
THE PREPARATION OF GOALKEEPERS IN RIO GRANDE DO SUL
LA PREPARACIÓN DE PORTEROS DE RIO GRANDE DO SUL

Daniel Ricardi Crizel da Silva ¹

Airton José Rombaldi ¹

1- Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Federal de Pelotas

Endereço para correspondência:

Daniel Ricardi Crizel da Silva

Rua Luís de Camões, 625 – Bairro Areal, Pelotas, RS – CEP 96055-630

danielcrizel@hotmail.com

Número de palavras no texto: 6.884

Número de palavras no resumo: 105

Número de tabelas: 4

Número de figuras: 2

Resumo

O objetivo do estudo foi descrever a preparação dos goleiros profissionais de futebol no Rio Grande do Sul, nas Séries A1, A2, e B no ano de 2014. O estudo teve delineamento transversal do tipo censo. A população foi composta por 134 goleiros e 51 preparadores. A coleta de dados aconteceu através de questionários, enviados via e-mail, correios ou fax. Verificou-se que um quinto dos preparadores tem habilitação em Educação Física. Existe concordância entre as categorias, sobre a eficiência do uso de treinos situacionais. Entre os preparadores, 82,3% desconhece o metabolismo predominante do goleiro. Nota-se a necessidade de maior aprofundamento teórico por parte dos preparadores.

Palavras-chave: Preparadores; Goleiros; Treinamento; Futebol.

Abstract

The aim of this study was to describe the training process of the professional goalkeepers in Rio Grande do Sul State, belonging to A1, A2, and B Series, during 2014. A census-type cross-sectional data collection was carried out. The population included 134 goalkeepers and 51 coaches. Information was collected using questionnaire sent by e-mail, fax or post office. We observed that 1/5 of coaches are graduated in Physical Education. There is agreement between the categories on the efficiency of the situational training methodology. Among the trainers, 82.3 % ignore the predominant metabolism of the goalkeeper's actions during the match. We highlight the need for further theoretical studies on this field.

Key-words: *Goalkeeper coaches; Goalkeepers; Training; Soccer.*

Resumen

El objetivo del estudio fue describir la preparación de porteros de fútbol profesional en Río Grande do Sul, en las Series A1, A2 y B, en el año 2014. El estudio tuvo diseño transversal del censo tipo. La población consistió en ciento treinta y cuatro porteros y cincuenta y un entrenadores. La recolección de datos se llevó a cabo a través de cuestionarios enviados por correo electrónico, fax o correo. Se encontró que una quinta parte de los entrenadores tiene especialización en Educación Física. Existe un acuerdo entre las categorías, sobre la eficiencia del uso de entrenamiento situacional. Entre los entrenadores, el 82,3% desconocía el metabolismo predominante del portero. Tenga en cuenta la necesidad de un mayor estudio teórico.

Palabras-clave: *Entrenadores; Porteros; Entrenamiento; Fútbol.*

INTRODUÇÃO

O goleiro move junto ao torcedor um sentimento diferente. Desde sua entrada em campo, é o único com fardamento de cores diferentes, e normalmente, é um dos mais altos da equipe (SOROKA; BERGIER, 2011). A cada defesa pode se tornar um ícone do sucesso, da realização, mas também está muito próximo do fracasso, do asco, da rejeição (RIBEIRO; VOSER, 2011). Muitas vezes, um único erro pode significar o fim de uma carreira (MARTINS, 2001).

Ser goleiro exige ótimos níveis de desempenho. Para isso, o atleta desta posição necessita de técnica específica, capacidade de entendimento do jogo, tomada de decisão e, somado a isso, deve possuir uma preparação psicológica forte (FIGUEIREDO, 2010). No entanto, a evolução do futebol e as constantes mudanças de regras tornaram ainda mais difíceis a principal missão do goleiro – evitar os gols –, obrigando-o a rápida adaptação às mudanças e ao aprimoramento constante (ANDRADE, 2008).

Com o intuito de potencializar o desenvolvimento dos goleiros, em meados dos anos de 1970, surgiram os preparadores de goleiros. Sua presença, sem sombra de dúvidas, tem relação direta com a evolução desses atletas. Inicialmente, os preparadores estavam presentes em clubes estruturados e ricos, considerados “grandes”, e somente na categoria profissional. Mais recentemente, esta realidade mudou motivada pela evolução apresentada pelos goleiros. Assim, a maioria dos clubes tem preparador de goleiros não só na categoria principal, mas também nas categorias de base (RIGOTTI, 2006).

Apesar da existência de uma série de evidências científicas a respeito da preparação do goleiro, com a inserção destes treinadores específicos nas comissões técnicas dos clubes, o treinamento, em sua maior parte, ainda era baseado nas experiências práticas destes profissionais, que em sua maioria eram ex-goleiros. (GALLO; ZAMAI; OLIVEIRA, 2011). Este fato deixava evidente a necessidade da utilização dos princípios científicos do treinamento esportivo, a fim de promover um treino planejado, controlado e adequado para os atletas. Desta forma pode-se tornar a preparação mais individualizada e específica (TELLES; MIRANDA, 2006).

No final da década de 1970, surgiram os primeiros livros e artigos específicos da área. Em 1981, no Brasil, Raul Alberto Carlesso lançou o livro “Manual do Treinamento de Goleiro”, apresentando uma abordagem das técnicas específicas do goleiro e de suas necessidades. Com uma abordagem muito parecida, Almir Domingues, em 1997, lançou o

livro intitulado “Goleiro 100 Segredos”, no qual fez referência a técnicas específicas e apresentou um *scout* do desempenho de seus goleiros, visto que o autor foi uma das referências na função de preparador nos anos de 1990, trabalhando em grandes clubes brasileiros.

Nos anos 2000, Telles e Miranda (2006) realizaram uma revisão de literatura em bibliotecas de Universidades do Rio de Janeiro, a fim de investigar as publicações a respeito do tema preparação de goleiros. Encontraram, até aquele momento, 21 publicações que abordavam o tema, entre livros e monografias de graduação. No mesmo ano, Rigotti apresentou uma pesquisa realizada em 2005, com preparadores de goleiros dos clubes da Série “A1” do estado de Santa Catarina. Os resultados indicaram o perfil daqueles preparadores como sendo ex-atletas ou professores de Educação Física. No Rio Grande do Sul, dois estudos abordaram o tema. Em um deles, investigou-se a incidência de dor em preparadores de goleiros durante sua atividade laboral (CRIZEL; RECH; TRENTIN, 2011) e no outro estudo, foram averiguados os fundamentos que sustentavam a metodologia dos preparadores de goleiros (CRIZEL; LIBERALI; NAVARRO, 2012). Embora exista na literatura uma disponibilidade maior de estudos, a preparação de goleiros ainda carece de aprofundamento científico, havendo necessidade de produzir novos conhecimentos relacionados a esta posição do jogo (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2006), especialmente estudos de maior abrangência amostral e que descrevam mais detalhadamente a estrutura de treinamento.

É partindo dessa premissa que este estudo buscou descrever o cenário da preparação dos goleiros profissionais de futebol no estado do Rio Grande do Sul. Com isso, buscou-se traçar o perfil dos profissionais envolvidos na preparação, investigar os métodos de trabalho desenvolvidos e analisar a importância da capacitação na opinião deles. Para tanto, serviram de referência os profissionais envolvidos na prática, goleiros e seus treinadores de goleiros do estado do Rio Grande do Sul, nas séries A1, A2 e B, no ano de 2014.

MATERIAIS E MÉTODOS

Delineamento

Trata-se de um estudo com delineamento transversal do tipo censo. Estudos transversais se caracterizam por ser uma eficiente ferramenta para descrever uma população (BASTOS; DUQUIA, 2007). Por outro lado, estudos censitários têm a propriedade de identificar todos os elementos da classe pesquisada (LIMA-COSTA; BARRETO, 2003).

Sujeitos

O estudo teve como população os goleiros e preparadores de goleiros que trabalhavam nos clubes participantes das séries A1, A2 e B no estado do Rio Grande do Sul na temporada de 2014. Estiveram aptos a participar do estudo os goleiros participantes do grupo profissional de cada agremiação e os preparadores de goleiros destes clubes na referida temporada. A coleta de dados ocorreu no período entre 20 de julho de 2014 a 20 de novembro de 2014.

Sendo assim, a população foi composta por 134 goleiros e 51 preparadores, totalizando 185 entrevistados. Cabe ressaltar que é facultado aos profissionais (goleiros e preparadores) trabalharem em mais de uma das séries (momentos distintos) nestas competições, por serem realizadas em períodos distintos. Esses profissionais dependem, assim, das demandas de mercado, pois trata-se de uma relação trabalhista (profissional do futebol – clube). Desta forma, embora tenha trabalhado por mais de uma agremiação, os profissionais só respondiam uma vez o questionário.

É importante destacar que, entre as três séries, a B continha em seu regulamento o limite de idade para os atletas até 23 anos. No entanto, era facultado às equipes o direito de inscreverem na competição três atletas com idade superior.

Instrumentos de coletas de dados

A fim de viabilizar a realização da pesquisa, foram utilizados como instrumentos para coleta de dados dois questionários. O primeiro contava com 82 perguntas fechadas e foi

aplicado aos preparadores de goleiros. O segundo era composto por 67 questões e foi dirigido aos goleiros.

O questionário respondido pelos preparadores possuía três dimensões: sócio-demográficas, acadêmicas e metodológicas. Referente aos aspectos sócio-demográficos, eram abordadas variáveis como: local de nascimento (Rio Grande do Sul/outras unidades da federação/estrangeiro), idade (anos), peso (kg), estatura (cm), cor da pele ou raça (branca/parda/preta/amarelo), nível de formação acadêmica (não estudou/fundamental incompleto/fundamental completo/ensino médio incompleto/ensino médio completo/superior incompleto/superior completo/pós graduação) e habilitação em Educação Física (formados/estudantes/provisionados/leigos). Com relação aos aspectos metodológicos, abordavam-se os seguintes temas: principais características necessárias a um goleiro (físicas/técnicas/psicológicas/táticas), métodos de treinamento do goleiro (atividades com o preparador/atividades com o grupo de atletas), capacidades físicas inerentes ao treinamento do goleiro (agilidade/força explosiva/velocidade/coordenação/resistência de força/outras, quais?), perfil metabólico do atleta em jogos (fosfagênio/glicolítico/oxidativo/não tem opinião formada).

O questionário disponibilizado aos goleiros apresentava as mesmas dimensões do anterior. No entanto, no caráter metodológico, buscava obter informações a respeito das experiências vividas por estes profissionais. Eles foram questionados quanto ao nível de especificidade do trabalho de seu último preparador, o nível de diversidade do trabalho a que eram submetidos e a influência dos preparadores no melhor e no pior momento de suas carreiras. Para tanto, foi utilizada uma escala de importância (0 a 10), na qual cabia ao entrevistado creditar uma nota a essas variáveis. Foram questionados também quanto ao fato de receberem *feedback* acerca de suas maiores virtudes (não/sim) e defeitos (não/sim). Dessa forma, seria possível, observar a opinião dos goleiros a respeito dos preparadores com quem trabalharam, bem como conhecer suas opiniões acerca do trabalho a que eram submetidos. O roteiro dos questionários foi adaptado de Crizel, Rech e Trentin (2011), considerando os conceitos e princípios evidenciados em trabalhos anteriores, bem como nas variáveis e fins propostos por este estudo.

Estudo Piloto

Foi realizado um estudo piloto para a verificação dos instrumentos de pesquisa, bem como para a escolha da melhor estratégia de coleta de dados, que poderia ser através de ligação telefônica ou do envio por e-mail, correio ou fax. Esse estudo foi conduzido com uma amostra selecionada por conveniência, com goleiros e preparadores de goleiros participantes do Estadual de Júniores (sub 20), do estado do Rio Grande do Sul. Nenhum dos participantes do estudo piloto, tanto goleiros quanto preparadores, fizeram parte do grupo de atletas e preparadores da categoria profissional de seus clubes.

Foram entrevistados oito goleiros e quatro preparadores de goleiros de equipes que ficaram colocadas entre a quinta e a oitava colocação no campeonato estadual da categoria na temporada de 2014. Os sujeitos foram divididos em dois grupos iguais de dois preparadores e quatro goleiros em cada grupo. No primeiro grupo, a coleta aconteceu com envio dos documentos por e-mail. Após o recebimento dos resultados, se fosse necessário confirmar alguns dados, era feito um contato telefônico. Com o segundo grupo, a coleta aconteceu integralmente por contato telefônico. Desta forma, levando-se em conta a quantidade de sujeitos que participariam do estudo e o significativo tempo despendido para aplicação dos questionários integralmente por contato telefônico, optou-se pelo procedimento de envio dos questionários via e-mail, correios ou fax. Posteriormente, se necessário, era efetuado um breve contato telefônico. No que se refere à aplicabilidade e eficiência dos questionários para alcançarem os objetivos pretendidos, foi verificada a necessidade de adequações nos instrumentos, as quais foram realizadas.

Procedimento de coleta de dados

Inicialmente, foi realizado um levantamento dos clubes participantes dos campeonatos de futebol profissional, realizados no estado do Rio Grande do Sul. Em seguida, foi feita uma busca nos sites das agremiações participantes a fim de conhecer os profissionais (preparadores e goleiros) que faziam parte do grupo de atletas e da comissão técnica do clube. Para as instituições que não mantinham página eletrônica ou que não as mantinham atualizadas, fez-se uso de uma rede de contatos de pessoas do âmbito esportivo, a fim de tomar conhecimento de quem inicialmente eram os preparadores de goleiros destas agremiações.

Feito o levantamento, elaborou-se uma lista com os telefones desses profissionais. Sendo assim, a proposta foi apresentada aos participantes, por meio de contato telefônico, com o cuidado de informar sobre o objetivo da pesquisa e o direito à não participação ou desistência a qualquer instante do estudo. A abordagem inicial foi feita junto aos preparadores. Foi solicitado a eles que indicassem quais foram os goleiros que compuseram o elenco de goleiros da equipe profissional em que trabalhou e seus respectivos contatos telefônicos. Em seguida, foram realizados os contatos telefônicos de apresentação da pesquisa junto aos goleiros.

Após o contato telefônico, foram catalogados os endereços residenciais e eletrônicos a fim de enviar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias. Uma via ficou de posse do entrevistado e a outra foi assinada e remetida ao pesquisador, por e-mail, correios ou fax. Juntamente com este documento, foi enviado os respectivos questionários da pesquisa.

Tão logo o participante devolveu os documentos assinados, o pesquisador fez a conferência da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do correto preenchimento do documento de pesquisa. Caso houvesse questões em branco, era realizado novo contato telefônico junto ao pesquisado a fim de tentar obter as respostas. O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, através da Plataforma Brasil, sendo aprovado sob o número de processo: 29124714.3.00005313.

Análise estatística

Os escores anotados nos questionários foram organizados em uma planilha *Excel* e, posteriormente, transferidos para o software estatístico *Stata*, versão 12. Os resultados encontrados foram submetidos à estatística descritiva, sendo as variáveis categóricas expressas em número absoluto e percentual e as variáveis numéricas como médias $\pm$ desvio-padrão (DP).

RESULTADOS

Finalizada a coleta de dados, é importante destacar que somente dois indivíduos enquadravam-se na categoria perdas ou recusas. Ambos eram goleiros. Em um dos casos, não foi possível contatá-lo por meio de ligação telefônica, sendo caracterizando como perda. Já no outro caso, mesmo após ter recebido o inquérito por e-mail, a pessoa se comprometeu de responder, mas não o fez, sendo caracterizada, assim, como recusa. É importante destacar que na temporada de 2014, participaram das séries A1, A2 e B 45 equipes. Foram 16 clubes na série A1, 16 na Série A2 e 13 na Série B.

A tabela 1 apresenta os resultados referentes às variáveis sócio-demográficas, antropométricas e nutricional dos participantes. É possível verificar que 82,3% dos preparadores e 75,4% dos goleiros eram nascidos no Rio Grande do Sul. A média de idade foi de 40,6 ($\pm 11,1$) anos entre os preparadores e 24,3 ($\pm 5,8$) anos entre os goleiros, sendo a categoria de 41-50 anos a mais prevalente entre os preparadores. Já entre os goleiros, a categoria mais frequente foi entre 21 e 25 anos.

Tabela 1. Características pessoais e acadêmicas dos sujeitos do estudo

Variáveis	Preparadores		Goleiros	
	N	%	N	%
Naturalidade				
Rio Grande do Sul	42	82,3	101	75,4
Outras unidades da Federação	9	17,7	31	23,1
Estrangeiros	0	0,0	2	1,5
Idade por categoria (anos)				
15 – 20	2	3,9	37	27,6
21 – 25	5	9,9	52	38,8
26 – 30	5	9,9	19	14,2
31 – 35	4	7,8	20	14,9
36 – 40	9	17,6	4	3,0
41 – 50	17	33,3	2	1,5
>51	9	17,6	0	0,0
Cor ou raça				
Branca	40	78,4	100	74,6
Parda	8	15,7	17	12,7
Preta	3	5,9	15	11,2
Amarelo	0	0,0	2	1,5
Estatura por categoria (cm)				
170 cm ou menor	6	11,7	0	0,0
171 – 175	13	25,5	0	0,0
176 – 180	11	21,6	6	4,5
181 – 185	11	21,6	27	20,1

186 – 190	9	17,6	72	53,8
191 – 195	0	0,0	22	16,4
196 – 200	1	1,9	7	5,2
Peso por categoria (kg)				
Menor 70	2	3,9	2	1,5
71 – 79	8	15,7	28	20,9
80 – 89	27	52,9	74	55,2
90 – 99	10	19,7	28	20,9
> 100	4	7,8	2	1,5
IMC (kg/m²)				
Normal	16	31,4	-	-
Sobrepeso	31	60,8	-	-
Obeso	4	7,8	-	-
Escolaridade				
Não estudou	0	0,0	0	0,0
Fundamental incompleto	3	5,9	6	4,4
Fundamental completo	9	17,6	5	3,8
Médio incompleto	4	7,8	25	17,9
Médio completo	13	25,5	73	54,5
Superior incompleto	14	27,5	22	16,3
Superior completo	7	13,7	4	2,9
Pós-graduado	1	2,0	0	0,0
Formação (Educação Física)				
Formados	8	15,7	-	-
Estudantes	12	23,5	-	-
Provisionados	11	21,6	-	-
Leigos	20	39,2	-	-
Idade (anos; média ± DP)	40,6 (±11,1)		24,3 (±5,8)	
Estatura (cm; média ± DP)	178,9 (±7,1)		187,8 (±4)	
Peso (kg; média ± DP)	85,1 (±8,9)		84,4 (±6,4)	
IMC (kg/m ² ; média ± DP)	26,6 (±2,6)		-	

IMC = Índice de massa corporal; DP = Desvio padrão.

Com relação à composição corporal, a estatura média entre os preparadores foi de 178,9 cm (± 7,1). Já entre os goleiros, foi de 187,8 cm (± 4). A determinação do índice de massa corporal (IMC) entre os preparadores foi de 60,8% apontando para sobrepeso, enquanto 7,8%, para obesidade.

No que diz respeito à vida acadêmica, todos (preparadores e goleiros) alegaram ter dado início à educação formal, embora 5,9% dos preparadores e 4,4% dos goleiros não tenham completado o ensino fundamental. Entre os preparadores, 15,7% alegaram ter o curso superior em Educação Física, sendo que destes, somente 1,9% possuía pós-graduação. Entre os goleiros, apenas 2,9%, conseguiu concluir algum curso superior.

Dentre os preparadores, 23,5% eram estudantes de Educação Física, 21,6%, provisionados e 39,2% foram considerados leigos. Dentre todos preparadores, 70,1% relataram ter sido atletas profissionais. Dentre os que foram atletas, 69,4% foram goleiros. Os demais atuaram em outras posições como: laterais (8,3%), zagueiros (2,8%), meio-campistas (13,9%) e atacantes (5,6%). Quando preparadores e goleiros foram questionados a respeito da principal característica necessária para exercer a função de treinador de goleiros, 48% e 52,24%, respectivamente, responderam que ter sido goleiro é fundamental.

A Tabela 2 apresenta a opinião dos profissionais quanto ao aspecto que consideram mais importante para um goleiro. Sabendo da importância de todas as dimensões (técnicas, táticas, psicológicas ou físicas), foi solicitado que os profissionais as ordenassem de maior a menor importância.

Tabela 2. Principal virtude necessária ao goleiro na opinião de preparadores e goleiros

Principal característica do goleiro	Preparador		Goleiros	
	N	%	N	%
Física	11	21,6	23	17,2
Técnica	23	45,1	65	48,5
Psicológica	15	29,5	39	29,1
Tática	1	1,9	7	5,2
Não respondeu	1	1,9	-	-

Com base na Tabela 2, ficou evidente, tanto para preparadores (45,1%) quanto para goleiros (48,5%), que o aspecto técnico foi apontado como principal virtude necessária a um goleiro. Observa-se também que o aspecto tático, atualmente uma díade com a técnica, ficou em último na escala de importância entre ambas as categorias (1,9% segundo os preparadores e 5,2% na opinião dos goleiros). Foi consenso entre preparadores e goleiros que a ordem de prioridades de treino por eles estabelecidas é: 1) aspecto técnico, 2) aspecto psicológico, 3) aspecto físico e 4) aspectos táticos.

A fim de aproximar-se das questões mais específicas do treinamento, na Tabela 3, são mostrados os resultados sobre os questionamentos do tipo de atividade capaz de proporcionar uma maior eficácia ao goleiro no treinamento. Comparou-se a capacidade condicionante de atividades com o preparador de goleiros quando comparadas às atividades com os atletas de linha. Foram analisados três tipos de atividades: os trabalhos de chutes, de cruzamentos e também o trabalho específico (analítico) nos minijogos com o grupo.

Tabela 3. Meios de condicionamento do goleiro

Variáveis	Preparadores		Goleiros	
	N	%	N	%
Qual atividade promove maior eficiência em treinos de chutes				
- Treino com chutes do preparador	19	37,3	43	32,1
- Treino com chutes dos companheiros da equipe	22	43,1	71	52,9
- Ambos os tipos de treino condicionam igualmente	10	19,6	20	15,0
Qual atividade promove maior eficiência treinos de cruzamentos				
- Treino com cruzamentos do preparador	19	37,3	52	38,9
- Treino com cruzamentos dos companheiros da equipe	24	47,0	61	45,5
- Ambos os tipos de treino condicionam igualmente	8	15,7	21	15,6
Qual atividade promove maior eficiência treino específico ou de minijogos				
- Treino específico (modelo analítico)	14	27,5	39	29,1
- Minijogos com finalizações dos atletas de linha	19	37,2	50	37,3
- Ambos os tipos de treino condicionam igualmente	18	35,3	45	33,6

Os resultados da Tabela 3 mostram a concordância, por parte de preparadores e de goleiros, que treinamentos que utilizam os jogadores de linha na execução das ações motoras (chutes, cruzamentos e cabeceios) podem oferecer ao goleiro maior da capacidade de ação nos jogos.

A Tabela 4 mostra aspectos relevantes ao goleiro, como passagens por clubes do exterior. Mostra também a sua opinião quanto ao trabalho do último preparador com quem trabalhou, bem como a participação do preparador nos momentos mais marcantes de sua carreira.

Tabela 4. Aspectos inerentes as vivências práticas dos goleiros

Variáveis	Goleiros	
	N	%
Trabalhou fora do país		
Não	107	79,9
Sim	27	20,1
Jogou partida em 2014		
Não	47	35,1
Sim	87	64,9
Teu último preparador identificou tua maior virtude		
Não	69	51,5
Sim	65	48,5
Teu último preparador identificou tua maior dificuldade		
Não	30	22,4
Sim	104	77,6

Gradue a diversidade dos exercícios do teu último preparador

Nota entre 0 – 3	2	1,4
Nota entre 4 – 6	19	14,2
Nota entre 7 – 10	113	84,4

Gradue a especificidade dos exercícios do teu último preparador

Nota entre 0 – 3	2	1,4
Nota entre 4 – 6	19	14,2
Nota entre 7 – 10	113	84,4

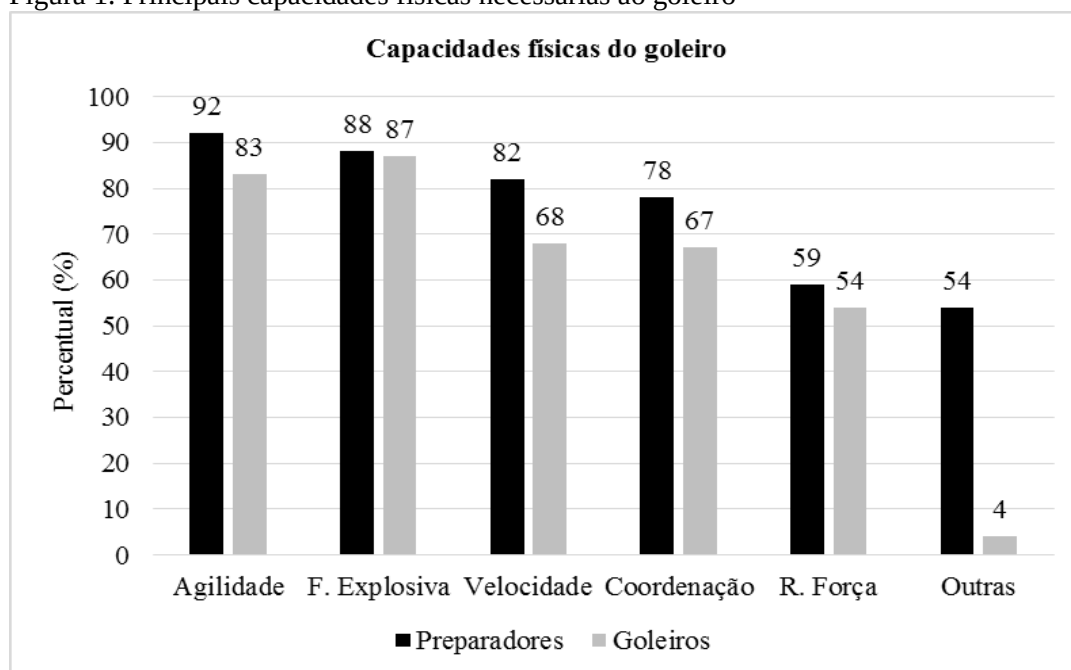
Gradue a importância da atuação do preparador no melhor momento da tua carreira

Nota entre 0 – 3	0	0,0
Nota entre 4 – 6	4	2,9
Nota entre 7 – 10	130	97,1

Entre os goleiros, pode-se observar que 20,1% trabalharam em algum momento da vida esportiva fora do país. Foram citados 16 países, em quatro continentes assim distribuídos: seis países europeus, cinco sul-americanos, quatro asiáticos e um africano. Observou-se que menos de dois terços dos goleiros (64,9%) alegaram ter jogado no mínimo uma partida no ano de 2014.

Fazendo referência aos métodos de trabalho utilizado pelo último preparador com quem trabalharam, 84,4% atribuíram nota entre sete e dez para a diversidade do trabalho que este propunha. Com relação à especificidade dos exercícios deste profissional, 84,4% graduaram nota entre sete e dez. Quando os goleiros foram perguntados sobre que nota dariam (entre zero e dez) para os treinadores com que trabalharam no melhor e no pior momento de suas carreiras, o resultado que concentrou mais respostas para a participação do preparador no melhor momento de sua carreira foi entre sete e dez, com 97,1%.

Figura 1. Principais capacidades físicas necessárias ao goleiro

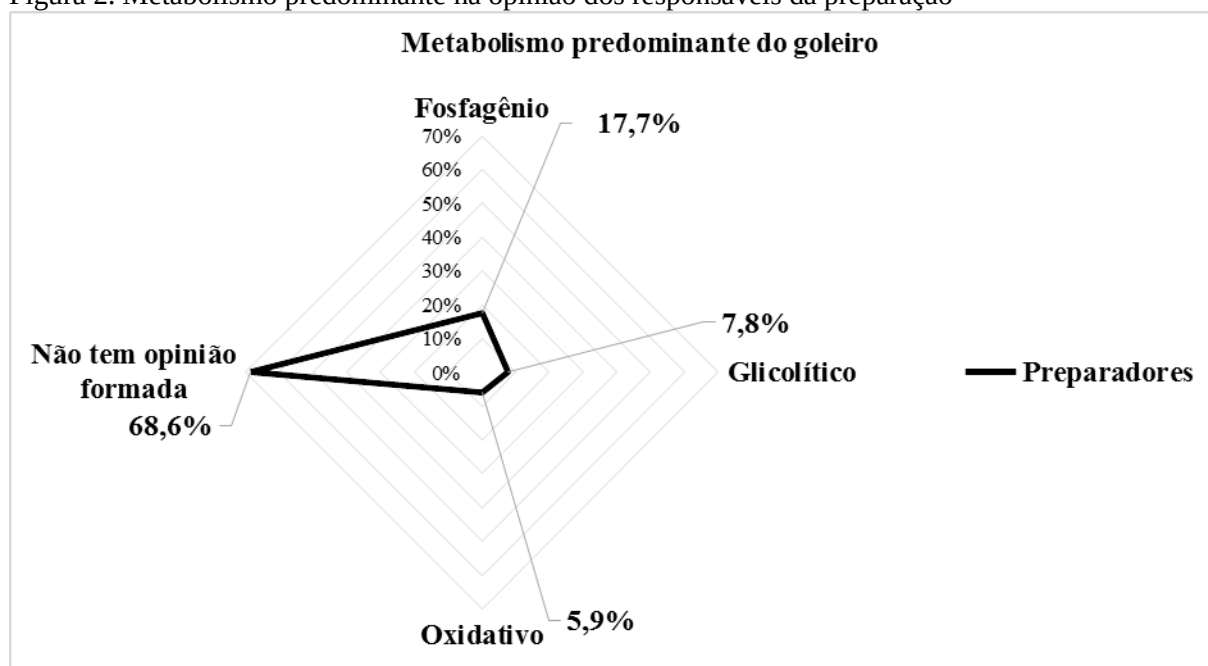


F. Explosiva = Força explosiva; R. Força = Resistência de força.

A Figura 1 apresenta a opinião dos profissionais quanto às capacidades físicas preponderantes para a atuação dos goleiros. Ao analisar a figura, percebe-se que a capacidade física mais citada na opinião de preparadores foi a agilidade (92%). Já na visão dos atletas, a força explosiva foi a resposta mais frequente (87%). As valências físicas pouco citadas, como flexibilidade, resistência muscular, força pura e equilíbrio, foram agrupadas na categoria “Outras”, as quais alcançaram 54% entre os preparadores e 4% entre os goleiros.

A Figura 2 apresenta a opinião dos preparadores de goleiros acerca do metabolismo predominante dos goleiros durante os jogos.

Figura 2. Metabolismo predominante na opinião dos responsáveis da preparação



Diante a Figura 2, pode-se observar que a maioria dos preparadores (68,6%) alegaram não possuir opinião formada sobre o tema.

DISCUSSÃO

O principal objetivo do presente estudo foi descrever o cenário da preparação dos goleiros profissionais de futebol no Rio Grande do Sul. A Tabela 1 buscou caracterizar os profissionais da preparação (preparadores e goleiros) segundo as variáveis sócio-demográficas, antropométricas e nutricional. No que tange a idade média dos preparadores, esta se mostrou semelhante a demais estudos com essa classe. Como se pode notar, a idade média entre os preparadores foi 40,6 ($\pm 11,1$) anos e a categoria etária que aportou a maior quantidade de profissionais esteve entre 41 e 50 anos. Crizel, Rech e Trentin (2011), em estudo com preparadores da Série A1 do Rio Grande do Sul, no ano de 2009, encontraram média de 43,3 ($\pm 6,3$) anos naquela temporada. No ano de 2011, Crizel, Liberali e Navarro (2012) entrevistaram preparadores do extremo sul e fronteira oeste do mesmo estado e depararam-se com uma média de idade de 40,4 ($\pm 8,8$) anos.

No estado vizinho, Santa Catarina, Rigotti (2006) buscou traçar o perfil de preparadores desse local no ano de 2005. O autor constatou que 57,1% de sua amostra estava contida no intervalo entre 30 e 50 anos de idade. Por outro lado, Fernandes, Moura e Lima

(2013), com outra classe de profissionais do futebol – técnicos que atuaram na Série A do Campeonato Brasileiro no ano de 2001 –, observaram que 57,1% deles possuía entre 50 e 59 anos. Um dos fatores que pode colaborar para a maior longevidade da carreira de técnico, quando comparado ao treinador de goleiros, é a menor exigência física. Nos moldes atuais, o preparador de goleiros necessita de um bom vigor físico a fim de desferir diariamente uma grande quantidade de chutes e arremessos, com a finalidade de treinar o goleiro (CRIZEL; RECH; TRENTIN, 2011).

Em relação aos goleiros, a idade média foi 24,3 ($\pm 5,8$) anos e a faixa etária mais abrangente ficou entre 21 a 25 anos com 38,8% dos entrevistados. Nos anos 90, Branka *et al.* (2003) analisou, na temporada de 97/98, a média de idade entre goleiros participantes da primeira divisão croata, a qual foi em torno dos 25,2 anos. Soroka e Bergier (2011) analisaram as características antropométricas correlacionadas com a distância percorrida e a idade dos atletas que disputaram a Eurocopa de 2008 e aferiram, entre os goleiros, a média de idade de 30,5 ($\pm 4,9$) anos. Já Baroni, Couto e Leal Júnior (2011), em estudo no Rio Grande do Sul com atletas participantes das Séries A, B e C do Campeonato Brasileiro de futebol e com atletas que disputavam a Liga Nacional de Futsal, constataram uma média de idade de 24,97 ($\pm 5,35$) anos entre os goleiros de futebol e 22,77 ($\pm 5,25$) anos entre os goleiros de futsal. Pode-se concluir com isso que, quando comparado a estudos europeus, a média de idade dos sujeitos do presente estudo foi um pouco inferior. Já quando comparado a um estudo também na região sul do país, tanto com goleiros de futebol quanto de futsal, os resultados foram semelhantes.

Em relação à estatura dos goleiros, a média relatada foi de 187,8 (± 4) cm. Já entre os preparadores, a média foi de 178,9 ($\pm 7,1$) cm. Crizel, Liberali e Navarro (2012), em seu estudo com preparadores de goleiros do extremo sul e da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, constataram estatura média entre preparadores de 177,5 cm. É importante destacar que a ampla diferença observada entre as médias de estatura de preparadores e de goleiros deixa dúvidas quanto a se estas são reflexos da evolução da estatura dos goleiros ou do processo de transição da carreira de atleta (sem o biótipo ideal) para a de preparador. Por outro lado, outras hipóteses são aventadas para a inserção de indivíduos com estatura menor no ambiente da preparação. Estes podem estar vindo dos bancos acadêmicos, ou ainda de outras formas, como, por exemplo, sendo indicados por amigos ou pessoas influentes no contexto esportivo (interesses pessoais).

Corroborando com os resultados deste estudo, Baroni, Piccoli e Leal Júnior (2013) realizaram um estudo com 42 goleiros de cinco equipes participantes de competições nas Séries A, B e C do Campeonato Brasileiro de futebol, bem como de competições estaduais, entre os anos de 2003 e 2007. Os autores relataram estatura média de 187 ($\pm 0,04$) cm. É importante salientar que 23,8%, dessa amostra era composta por atletas que jogavam o campeonato regional, ou seja, por uma população semelhante a do presente estudo que apresentou estatura média de 186 ($\pm 0,04$) cm.

Joksimovic *et al.* (2009) analisaram as características antropométricas dos atletas participantes da Eurocopa de futebol em 2008 e observaram média de estatura entre os goleiros de 189 cm ($\pm 4,5$), estando 45,8% deles com mais de 190 cm. Por sua vez, Berto e Magalhães (2014) afirmam que a estatura média dos goleiros no mundial da Alemanha em 2010 foi de 188 cm. Os achados desse estudo se assemelham com demais resultados encontrados no Brasil. No entanto, quando comparados com estudos internacionais, principalmente com populações europeias, nota-se que a média de estatura dos goleiros é superior. Alguns fatores podem explicar essa realidade. Primeiramente, deve-se destacar as diversas comprovações científicas sobre a tendência dos goleiros em serem os mais altos da equipe, evidenciando assim a prioridade dada a estatura, desde a seleção do atleta nas categorias de base (BERTO; MAGALHÃES, 2014).

Além disso, ao longo do processo desenvolvimento do esporte, a Copa do Mundo na Inglaterra em 1966 foi um divisor de águas para a preparação física. A partir desse mundial, passou-se a dar grande importância ao planejamento e ao treinamento do futebol. Isto porque as quatro equipes finalistas eram europeias e fizeram uso de métodos inovadores em sua preparação (CUNHA, 2003). Consequentemente, essas influências impuseram ao futebol brasileiros métodos e técnicas já peculiares naquele continente, ou ainda, é a lógica do futebol europeu que se impõe não só sobre o Brasil, mas sobre o restante do globo (COSTA; MARINHO, 2005). Diante disso, pode-se supor que o prévio desenvolvimento das ciências do esporte na Europa tenha evidenciado como fator preponderante a escolha de indivíduos com o biótipo longilíneo para a função.

Aproximando o contexto da realidade brasileira, por mais que a estatura média da população brasileira tenha aumentado, os goleiros nacionais ainda apresentam escores abaixo daqueles apresentados em países de renda elevada. A diferença observada pode ocorrer em consequência de melhores indicadores sociais nos países ricos ou pela incapacidade dos clubes brasileiros de selecionar atletas mais altos para a posição.

O índice de massa corporal (IMC) pode ser um indicador para risco de doenças crônicas não transmissíveis. Neste sentido, os escores desta variável são preocupantes entre os preparadores de goleiros ($26,0 \pm 2,6 \text{ Kg/m}^2$, pois foram classificados na categoria sobrepeso, de acordo com o *American College of Sports Medicine* [ACSM, 2003]). Resultados similares ao do presente estudo foram reportados por Crizel, Rech e Trentin (2011), ao investigar sintomas de dor nesta classe profissional. O estudo concluiu que 66,7% dos preparadores que apresentavam dores em joelho/perna nos últimos 12 meses tinham IMC categorizado como sobrepeso. Os resultados do presente estudo mostraram que 60,8% dos preparadores estava com sobrepeso, valores superiores aos da população brasileira relatados no VIGITEL (Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico), realizado no ano de 2014 pelo Ministério da Saúde, o qual mostrou que 56,5% da população masculina brasileira estava com excesso de peso (BRASIL, 2015).

A Tabela 1 faz referência à escolaridade dos participantes da pesquisa. Todos alegam ter iniciado o processo de educação formal. No entanto, 5,9% dos preparadores e 4,4% dos goleiros não concluíram sequer o ensino fundamental. É importante destacar que, entre os preparadores, 15,7% declararam ter concluído o curso superior, todos em Educação Física. Rigotti (2006) investigou o perfil dos treinadores de goleiros dos clubes de futebol da Série “A1” do Campeonato Catarinense de futebol de 2005. Foram entrevistados os preparadores das categorias profissional, júnior e juvenil. Concluiu-se que 21,4% deles eram formados em Educação Física. No Rio Grande do Sul, Crizel, Rech e Trentin (2011), em estudo também com preparadores, constataram que 25% dos entrevistados eram formados em Educação Física (dados do autor, não publicados). Por outro lado, Crizel, Liberali e Navarro (2012), com amostra de preparadores do extremo sul e fronteira oeste deste mesmo estado, no ano de 2011, obtiveram a afirmativa para graduação em Educação Física de somente 28,6%. Dentre os diversos estudos, foi constatado que o percentual máximo de prevalência entre preparadores de goleiros com graduação em Educação Física não ultrapassou 28,6%, tal qual ocorreu o presente estudo.

Rodrigues (2010) entrevistou 97 atletas participantes das Séries A, B e C do Campeonato Brasileiro de futebol e constatou que 64,9% deles tinham completado o ensino médio. Este resultado corrobora com este estudo, visto que a maior parcela dos goleiros pesquisados, 54,5%, também completou o ensino médio.

A Tabela 2 apresentou a opinião dos profissionais quanto aos aspectos importantes para um goleiro. Tanto na opinião de preparadores quanto de goleiros, a parte técnica teve

maior importância, com 45,1% e 48,5% das escolhas, respectivamente. De acordo com Coimbra *et al.* (2008), as preparações física, técnica, tática e psicológica são fundamentais para competir e, por isso, devem ser tratadas com a mesma importância. Por sua vez, Crizel e Almeida (2012) atestaram que, devido à grande pressão psicológica que os goleiros sofrem, os responsáveis pelo treino devem dar ênfase especial à preparação psicológica em comparação com as demais. A partir dos resultados do presente estudo, causa estranheza o distanciamento observado nos valores de técnica e tática, ambos em extremos opostos da escala. Os valores correspondentes aos aspectos táticos foram os menores, 1,9% na opinião de preparadores e 5,2% para os goleiros.

Cabezón (2011) já havia apontado para necessidade de uma nova dimensão no treinamento de goleiros voltado a associação das funções técnico-táticas e, por isso, esperava-se que ambas se apresentassem pareadas. O afastamento destes aspectos dá indícios do pouco entendimento da abordagem técnico-tática por parte dos profissionais (preparadores e goleiros), tendo em vista que ocorrem de forma simultânea, ou então do fato de que o caráter tático da participação do goleiro não tenha sido tratado com a devida importância. Segundo Costa *et al.* (2011), a capacidade tática e os processos cognitivos adjacentes à tomada de decisão devem ser requisitos essenciais para o desempenho do atleta.

Júnior (2002) entrevistou treinadores de futebol que participaram do Campeonato Brasileiro da primeira divisão no ano de 2001 e questionou, de uma forma genérica, sobre que áreas careciam de maior evolução no futebol brasileiro. Entre os respondentes, 34% referiram os aspectos organizacionais dos clubes e seus departamentos, 27%, a preparação tática, em seguida vieram a preparação psicológica (23%), a preparação física (12%) e a preparação técnica (4%). Coimbra *et al.* (2008) entrevistaram 59 treinadores, de ambos os sexos, de diversos esportes, tanto individuais quanto coletivos, a respeito da opinião sobre a importância destes aspectos. A parte tática apareceu em primeiro lugar com 100% de importância, seguida do aspecto físico, com 98,3%, e dos aspectos psicológicos e técnicos, com 96,6%, cada. Em outra perspectiva, Júnior (2013) estudou a importância das dimensões do jogo na captação de atletas. Para isso, entrevistou os indivíduos incumbidos de captar atletas para clubes do nordeste brasileiro. Concluiu que a capacidade técnica tem 80% de prevalência na escolha do jovem goleiro.

Através da Tabela 3, foi possível identificar que as ações motoras oriundas de companheiros de equipe, tanto no treino de chutes quanto de cruzamentos, apresentaram uma valoração maior por parte de preparadores e atletas quanto visam o desenvolvimento da

capacidade de ação do goleiro. Na mesma perspectiva, quando comparado o trabalho específico de goleiros (caráter predominantemente analítico), executado pelo preparador, a um treino de minijogos com finalizações, contando com a participação dos companheiros de equipe, 37,2% dos preparadores e 37,3% dos goleiros creditaram aos minijogos o caráter de melhor atividade condicionante. A diversidade de estímulos promovidos nesse tipo de atividade, composta por vários atletas com características e formas diferentes de chutar, finalizando contra a meta de vários locais do campo com variadas intensidades, propicia ao goleiro uma maior capacidade de ação. Opondo-se a esta realidade, Crizel, Liberali e Navarro (2012) apresentaram resultados diferentes em pesquisa com preparadores de goleiros no Rio Grande do Sul. A maioria destes (57,1%) referiu que o nível de condicionamento oferecido pelo treino específico (analítico) era superior ao dos minijogos com os companheiros de equipe. Diante disso, o nível de experimentação de metodologias de trabalho que estes goleiros foram submetidos permite a eles optarem por uma corrente metodológica contemporânea, que prima pelo treinamento sistêmico. Sendo assim, Brasil (2004) atenta para as perdas no treinamento de goleiro baseado nas ações isoladas dissociadas do restante da equipe. Por outro lado, corroborando com a potencialização do método situacional, a FIFA (S/D), em documento orientador da formação de goleiros, sugere que, em trabalhos situacionais com os demais atletas de linha, o preparador se dirija para a parte traseira da goleira, a fim de fomentar a evolução do goleiro através da promoção das correções necessárias.

Os resultados da Tabela 4 permitiram constatar que 20,1% dos goleiros tiveram experiência de trabalhar no exterior. Nossos resultados foram similares aos de Rodrigues (2010), quando relatou que 27,3% dos jogadores participantes da Série A do Campeonato Brasileiro da temporada de 2000 haviam tido experiências em clubes do exterior. Segundo Silva, Rigo e Freitas (2012), isto ocorre em função de o Brasil ceder muita mão de obra para equipes do exterior. A migração atinge vários continentes e ocorre, principalmente, pela busca de melhores remunerações e maior visibilidade no mercado do futebol. Segundo estimativas, cerca de 25% dos jogadores brasileiros que imigram foram para países sem expressão no cenário futebolístico. Mesmo assim, os salários negociados, muitas vezes, foram melhores que os obtidos no Brasil em clubes com pouco poder de investimento (SOARES *et al.*, 2011).

Visando a conhecer as características do trabalho em que os goleiros estavam inseridos na temporada considerada no presente estudo, buscou-se identificar, nos preparadores, a sua capacidade para diagnosticar as necessidades do goleiro, utilizando como ferramenta a

existência ou não de *feedback*. A Tabela 4 mostra que a maioria dos goleiros recebeu *feedback* de seus preparadores, tanto para apresentar-lhes suas principais virtudes como para salientar suas principais dificuldades. Os *feedbacks* no momento adequado, sejam eles reforços positivos ou negativos, estimulam processos mentais e emocionais, preparando e capacitando o atleta para o bom desempenho e a continuar treinando (GONÇALVES; NOGUEIRA, 2006). Campos (2010) afirma que treinadores experientes possuem maior conhecimento e competências didáticas, promovendo assim o *feedback* adequado.

Ainda na Tabela 4, pode-se ter noção do trabalho realizado junto aos goleiros nesta temporada. Quando o quesito observado foi a diversidade dos exercícios propostos e a sua especificidade, os goleiros atribuíram notas que variaram de sete e dez. Corroborando com os resultados encontrados, sugere-se que os programas de treinos tenham uma boa diversidade de exercícios a fim de manter o treino desafiador e moderno (DIMER, 2008). Além disso, uma possível diminuição da diversidade das práticas ao longo do processo de treino pode reduzir significativamente as experiências dos atletas, dificultando, assim, sua capacidade de antecipar um estímulo e elaborar a resposta (SILVA; SANTOS; JÚNIOR, 2009).

Outro aspecto abordado na Tabela 4 refere-se à especificidade, elemento importante para a planificação do programa de treinos dos goleiros. Existem características que diferem as demandas deste atleta dos demais companheiros de equipe (ZIV; LIDOR, 2011), devendo ser um dos pilares do treinamento de goleiros no futebol (COLOMBELLI; PERES, 2001). A especificidade possui a capacidade de promover mudanças nos circuitos neurais referentes ao tipo de treino, desencadeando o armazenamento na memória de longo prazo. Por isso, deve-se construir exercícios de treino que induzam os atletas a forma mais aproximada possível de se pensar o jogo (SILVA; SANTOS; JÚNIOR, 2009).

Quando foi solicitado aos goleiros que atribuísem uma nota para a participação do preparador de goleiros no melhor momento de suas carreiras, a resposta predominante estava contida na faixa entre sete e dez. O técnico tem grande influência na carreira do atleta, podendo esta ser positiva ou negativa. Essa relação é determinante para o sucesso do atleta (RESENDE; GOMES; VIEIRA, 2013). Segundo Egerland *et al.* (2013), dentre os requisitos do técnico, está o emprego de metodologias adequadas. Visando a comprovar a importância do treinador, Resende, Gomes e Vieira (2013) obtiveram a afirmativa de que a percepção de atletas sobre o trabalho dos técnicos variava em função do percurso esportivo realizado em conjunto, deixando implícito a importância dos resultados na relação estabelecida entre ambas as partes. Na prática, parece existir um consenso de que a avaliação do técnico não pode ser

somente baseada nas conquistas esportivas e na opinião pública (SOARES; ANTUNES; RODRIGUES, 2011). Entretanto, são necessários estudos a fim de conhecer o real impacto dos líderes nos resultados esportivos (RESENDE; GOMES; VIEIRA, 2013).

A Figura 1 evidenciou as capacidades físicas necessárias a esta posição, tanto na opinião dos preparadores quanto dos próprios goleiros. A capacidade física mais citada por parte dos preparadores foi a agilidade e a força explosiva pelos goleiros. Vindo ao encontro dos resultados relatados no presente estudo, Voser, Guimarães e Ribeiro (2006) destacam as seguintes capacidades físicas do goleiro: força explosiva, flexibilidade, velocidade, ritmo, equilíbrio, coordenação e agilidade. Domingues (1997) acrescenta que o goleiro deve desenvolver na sua rotina de trabalho também a resistência muscular localizada. Queiroz e Silva (2012) apontam para as capacidades coordenativas como as responsáveis pela organização e pelo controle da execução dos movimentos. Arruda *et al.* (2013) reforçam a importância da força explosiva nas ações do goleiro no desenvolvimento de suas funções. Desta forma, as capacidades físicas mais citadas pelos entrevistados corroboram com a literatura específica, referente ao treinamento de goleiros, pois reafirmam a grande importância destas capacidades para o desempenho do atleta.

Buscando aferir o conhecimento dos preparadores no que diz respeito às funções fisiológicas específicas da posição, a Figura 2 apresenta a opinião preparadores de goleiros quanto ao metabolismo energético do goleiro nas ações do jogo. Chama a atenção o considerável índice de 68,6%, de preparadores que alegaram não ter opinião formada quanto o metabolismo predominante do goleiro. Tendo em vista que somente 15,7% dos preparadores pesquisados possui formação acadêmica, torna-se evidente a ausência de embasamento teórico para conduzir a preparação de goleiros. Os princípios que regem suas práticas baseiam-se em experiências dos tempos de atleta ou são frutos da reprodução do que viram ou veem demais treinadores fazerem. Somado a isso, desconhecem as necessidades do seu goleiro, principalmente as de caráter fisiológico. Além disso, existe a possibilidade de promoverem atividades descontextualizadas com o período de treinamento em que se encontram. Por outro lado, 17,7% dos preparadores referem ao sistema fosfagênio (ATP- CP) como o principal subsídio energético para o goleiro (GALLO *et al.*, 2010). A quantidade disponível de ATP sustenta a contração muscular máxima por poucos segundos (BROOKS; FAHEY; BALDWIN, 2004). No entanto, o tempo em que esta fonte energética é disponibilizada vem ao encontro das necessidades do goleiro, já que suas ações acontecem de

forma aleatória, de curta ou curtíssima duração, demandando ações de alta intensidade (ARRUDA *et al.*, 2013).

Por fim, a pouca literatura específica existente dificultou a tarefa de comparar os resultados desta pesquisa. Fica evidente a necessidade de novos trabalhos, no entanto, com outras populações de preparadores e goleiros, estando essas em outras regiões brasileiras ou ainda em outros países e continentes.

CONCLUSÕES

O presente estudo aponta que a preparação de goleiros ainda se encontra alicerçada no mesmo empirismo instalado em seu surgimento, ou seja, na prática pela repetição, distante da crítica e da reflexão. Menos de um quinto dos preparadores tem habilitação em Educação Física, fator este que corrobora com demais pesquisas na área da preparação. Sendo assim, fica evidente a necessidade de um maior aprofundamento teórico.

Com relação à metodologia de trabalho, os resultados apontaram uma grande concordância, por parte de preparadores e goleiros, para a eficiência do uso de atividades situacionais com a participação dos demais companheiros de equipe a fim de promover a capacidade de ação do goleiro. Por outro lado, torna-se preocupante o fato de 82,3% dos preparadores de goleiros desconhecerem o metabolismo predominante do goleiro em jogos. Sabe-se que o desempenho do goleiro é multifatorial, tal qual o futebol, porém, não pode ser refém do acaso e do desconhecimento.

RERERÊNCIAS

AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE. *Diretrizes do ACSM para os testes de esforço e sua prescrição*. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003.

ANDRADE, G. P. *Qualidades físicas, técnicas, téticas e psicológicas dos goleiros de futebol de campo*. 2008. (Trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis.

ANJOS, L. A. Índice de massa corporal ($\text{massa corporal}/\text{estatura}^2$) como indicador do estado nutricional de adultos: revisão de literatura. *Revista Saúde Pública*, n.26, p.431-436, 1992.

ARRUDA M.; MARIA T. S.; CAMPEIZ J. M.; BOLAÑOS M. A. C. *Futebol: Ciências aplicadas ao jogo e ao treinamento*. 1.ed. São Paulo: Phorte Editora, 2013. 560p.

ÁVILA, J. A. de. *Tendência secular de estatura, peso e índice de massa corporal em adultos jovens militares brasileiros no século XX*. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

BARONI, B. M.; PICCOLI, R. B.; LEAL JÚNIOR. E. C. P. Influência do nível competitivo e da posição tática sobre parâmetros de desempenho aeróbio de atletas profissionais de futebol do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física*, São Paulo, SP, n.27, p.199-207, 2013.

BASTOS, J.L.D.; DUQUIA R. P. Um dos delineamentos mais empregados em epidemiologia: estudo transversal. *Scientia Medica*, Porto Alegre, Vol. 17, n. 4, p. 229-232, out/dez. 2007.

BERTO, E. S. M.; MAGALHÃES, F. C. O. A estatura como critério de seleção na captação e formação do goleiro de futebol de campo. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, SP, v.6, n.20, p.88-94, 2014.

BRANKA, R. M.; MARJETA M.D.; BOJAN, M; SASA, J.; LANA R.; GORAN, L.; MIRAN K. Morphological differences of elite Croatian soccer players according to the team position. *Coll. Antropol.*, 27 Suppl, 1 (20.03) 167-174. 2003.

BRASIL, A. N. Proposta metodológica para a formação do jovem guarda-redes de futebol. *EFdeportes/Revista Digital*, Buenos Aires, ano 10, n. 69, fev, 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>

BRASIL. Ministério da Saúde. Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. *VIGITEL BRASIL 2014*. Abr. 2015. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/images/pdf/2015abril15PPT-Vigitel-2014-> Acesso em: 10.05.2015.

BROOKS, G.A.; FAHEY, T.D.; BALDWIN, K. *Exercise Physiology: Human Bioenergetics and Its Applications*. New York, 2004. McGraw-Hill.

CABEZÓN, J. M. Proposta de un modelo de entrenamiento del portero de fútbol moderno. *EFdeportes/Revista Digital*, Buenos Aires, ano 7, n 38, jul, 2001. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>

CAMPOS, A. B. *Valorização e auto-percepção de competências e conhecimentos de Treinadores de Futebol de formação*. 2010. Dissertação (Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto.

COIMBRA, D. R.; GOMES, S.S.; CARVALHO, F.; FERREIRA, R.; GUILLEN, F.; MIRANDA, R.; FILHO, M. B. Importância da psicologia do esporte para treinadores. *Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, Campinas, SP, v.6, ed. especial, p.419-429, 2008.

COLOMBELLI, V. M.; PERES, L. S. Treinamento pliométrico para goleiros de futebol. *Caderno de Educação Física*, Marechal Candido Rondon, PR), v.3, n.1, p.11-31, 2001.

COSTA, F. L. da.; MARINHO, E. Fome de bola: o futebol no Brasil e os desafios da gestão esportiva. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*. n.4, 2005.

COSTA, I.T.; GARGANTA, J.; GRECO, P.J.; MESQUITA, I.; MAIA, J. Sistema de avaliação tática no futebol (FUT-SAT): Desenvolvimento e validação preliminar. *Motricidade*, v.7, n.1, p. 69-84, 2011.

CRIZEL, D. R. da S.; RECH, R. R.; TRENTIN, D. Sintomas osteomusculares em preparadores de goleiros da Série A do Campeonato Gaúcho 2009. *Cadernos de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, vol. 19. n. 2. p. 225-31.2011.

CRIZEL, D. R. da S.; LIBERALI, R.; NAVARRO, F. Características metodológicas dos preparadores de goleiros das equipes participantes da Copa Federação Gaúcha de Futebol 2011/2. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v.4, n.11, 2012.

CRIZEL, D. R. da S.; ALMEIDA, U. M. Níveis de ansiedade-traço competitivo em goleiros de futebol de base. *Do corpo: Ciências e Artes*, Caxias do Sul, RS, v.1, n.2, 2012.

CUNHA, F. Histórico e importância da preparação física para o futebol no Brasil. *EFDeportes.com, Revista Digital*, Buenos Aires, ano.9, n.63, 2003.
<http://www.efdeportes.com/>

DIMER, M.B. *Efeitos de um programa de treinamento resistido sobre a agilidade de alunos de escolinhas de futebol*. 2008 Monografia (Especialização em Treinamento Esportivo) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Santa Catarina.

DOMINGUES, A. *Goleiro 100 Segredos*. 20ª ed. Curitiba: Verbo, 1997.

EGERLAND, E.M.; SALLES, W. D. N.; BARROSO, M. L. C.; BALDI, M. F.; NASCIMENTO, J.V. do. Potencialidades e necessidades profissionais na formação de treinadores desportivos. *Revista Brasileira Cineantropometria e Movimento*, 2013.

FERNANDES, J. C. P.; MOURA, D. L.; LIMA, R. L. Uma análise do perfil dos treinadores ex-atletas do futebol profissional brasileiro. *Esporte e Sociedade*, n.22, 2013.

FIFA, Fédération Internationale de Football Association. *El entrenamiento del portero*. Suíça: S/D.

FIGUEIREDO, A. S. *Métodos de treinamento de goleiros de futebol na categoria infantil em clubes profissionais do Vale dos Sinos*. 2010. (Trabalho de conclusão de curso) - FEEVALE. Novo Hamburgo.

GALLO, C. R.; ZAMAI, C. A.; VENDITE, L.; LIBARDI, C. Análise das ações defensivas e ofensivas, e perfil metabólico da atividade do goleiro de futebol profissional. *Conexões*, vol. 8. n. 1. p. 16-37. 2010.

GALLO, C. R.; ZAMAI, C.; OLIVEIRA, G. Q. Avaliação da força explosiva de membros inferiores em goleiros de futebol da categoria sub 17. *EFDeportes.com/Revista Digital*, Buenos Aires, n.161, 2011. <http://www.efdeportes.com/>.

GONÇALVES, G. A.; NOGUEIRA, R. M. O. Para goleiros de futebol: uma proposta de macrociclo. *Estudos*, Goiânia, vol. 33. n.7/8, p. 531-543. 2006.

JOKSIMOVI, A.; SMAJI, M.; MOLNAR, S.; STANKOVI, D. An analysis of anthropomorphological characteristics of participants in the 2008 European Football Championship. *Serbian Journal of sports sciences*, n.3, p. 71-79, 2009.

JÚNIOR, M. M. *A organização do trabalho de treinadores de futebol: estratégias de ação e produtividade de equipes profissionais*. 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

JUNIOR, E. T. P. Processo de seleção e captação de atletas de futebol de campo na categoria sub-15 em Pernambuco. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. V.5, n.16, p. 155-163, 2013.

LIMA-COSTA, M. F.; BARRETO, S. M. Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, vol. 12, n. 4, p. 189 – 201. 2003.

MARTINS J. P. *Goleiros, exigências e especificidade*. 2001. (Trabalho de conclusão de curso superior) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo.

QUEIROZ, R. M.; SILVA, F. R. *Profissão goleiro: Da iniciação ao alto rendimento*. 1.ed. São Paulo: Phorte, 2012. 200p.

RESENDE, R.; GOMES, R.; VIEIRA, O. Liderança no futsal de alta competição: importância dos resultados desportivos. *Motriz: Revista Educação Física*, v.19, n.2, abr/jun. 2013

RIBEIRO, V. C.; VOSER, R. C. Fatores motivacionais que levam a escolha da posição de goleiro no futebol. *EFDeportes.com/Revista Digital*, Buenos Aires, ano.16, n.156, 2011. <http://www.efdeportes.com/>

RIGOTTI, S.R. *Perfil dos treinadores de goleiro dos clubes de futebol da série “A1” do Campeonato Catarinense de 2005*. 2006. (Trabalho de conclusão de curso de Bacharel em Educação Física e Esportes) - Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Florianópolis.

RODRIGUES, F. X. F. O fim do passe e as transferências de jogadores brasileiros em uma época de globalização. *Sociologias* (Porto Alegre, RS), n.24, p.338-380, 2010.

SILVA, P. M.; SANTOS, P. M. O.; JUNIOR, N. K. M. Treinar futebol respeitando a essência do jogo: o exemplo do salto com ação tática e não somente técnico-física. *Conexões*, Campinas, SP, v.7, n.2, p.38-63, 2009.

SILVA, D. V.; RIGO, L. C.; FREITAS, G. S. Considerações sobre a migração, a naturalização e a dupla cidadania de jogadores de futebol. *Revista de Educação Física*, Maringá, PR, v.23, n.3, p.457-468, 2012.

SOARES, J. A. P.; ANTUNES, H.R.L.; RODRIGUES, J. J. F. Avaliação do desempenho dos treinadores desportivos: da inexistência de um instrumento estruturado à valorização dos resultados desportivos. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, SP, v.25, n.3, p.431-440, 2011.

SOARES, A. J. G.; MELO, L. B. S. de.; COSTA, F. R. da.; BARTHOLO, T. L.; BENTO, J. O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. *Revista Brasileira de Ciências e Esporte*, Florianópolis, SC, v.33, n.4, p.905-921, 2011.

SOROKA, A.; BERGIER, J. The Relationship among the somatic characteristics, age and covered distance of football players. *Human Movement*, Biafa Podlaska, Poland. vol.12 (4), 353-360, 2011.

TELLES, S. C. C.; MIRANDA, O. T. A preparação de goleiros e sua evolução. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER, EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA, E CONGRESSO LATINOAMERICANO DE HISTÓRIA DE LA EDUCACIÓN FÍSICA. Anais. Curitiba. 2006.

VOSER, R. C.; GUIMARÃES, M. G. V.; RIBEIRO, E. R. *Futebol: história, técnica e treino de goleiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

ZIV, G.; LIDOR, R. Physical Characteristics, Physiological Attributes, and On-Field Performances of Soccer Goalkeepers. *International Journal of Sports Physiology and Performance*. n.6, p.509-524, 2011.

4 PRESS-RELEASE

(Dissertação de Daniel Ricardi Crizel da Silva)

A preparação dos goleiros no Rio Grande do Sul

O futebol vem evoluindo em suas diversas vertentes. No âmbito organizacional, o futebol tornou-se um grande negócio sendo importante a constante busca pelo aprimoramento da gestão, assim como das condições de treinamento oferecida aos atletas. Acompanhando esta tendência evolutiva, o goleiro, uma função específica do jogo. Embora seu treinamento tenha apresentando crescente aprofundamento científico, ainda carece de maiores pesquisas a cerca de sua preparação.

Após, aproximadamente, quatro décadas desde a instituição da preparação específica de goleiros, observa-se o quão recente é este fenômeno no futebol moderno. Quando se busca a aproximação com a prática, toma-se conhecimento dos métodos de trabalho dos preparadores e, a partir disso, tenta-se compreender a aplicação ou não dos princípios científicos do treinamento esportivo e da ciência do esporte ligada ao treinamento. A inexistência de uma escola de formação determina, em muitos casos, a prática da preparação baseada somente na experiência vivida por ex-goleiros que, pela ausência de outro profissional mais qualificado, ocupam este mercado de trabalho.

Este estudo realizado pelo mestrando Daniel Ricardi Crizel da Silva e o professor Airton José Rombaldi, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, na linha de pesquisa atividade física e desempenho da UFPel, teve o objetivo de descrever o cenário da preparação de goleiros profissionais de futebol no estado do Rio Grande do Sul. Para tanto, foram referênciados os profissionais envolvidos na prática, goleiros e seus treinadores de goleiros.

Foram entrevistados um total de 185 profissionais, 51 preparadores de goleiros e 134 goleiros que trabalharam nos clubes profissionais de futebol do Rio grande do Sul, nas Séries A1, A2 e B, na temporada de 2014. Entre os principais achados, constatou-se que a preparação de goleiros ainda se encontra alicerçada no mesmo empirismo instalado em seu surgimento, distante da crítica e da reflexão. Prova disso é o fato de menos de um quinto dos preparadores estar habilitado em Educação Física, o que corrobora demais pesquisas na área da preparação.

Os resultados apontaram também uma grande concordância, por parte de preparadores e goleiros, para a eficiência do uso de atividades situacionais com a participação dos demais companheiros de equipe a fim de promover a capacidade

de ação do goleiro. Por outro lado, torna-se preocupante o fato de 82,3% dos preparadores de goleiros desconhecerem o metabolismo predominante do goleiro em jogos. Este quadro evidencia a necessidade de novos trabalhos, mas com outras populações de preparadores e goleiros.

5 APÊNDICES

(Dissertação de Daniel Ricardi Crizel da Silva)

APÊNDICE A – Questionário para os Preparadores de Goleiros

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Questionário para os Preparadores de Goleiros

1. Nome: _____
2. Local de nascimento: _____
3. Nacionalidade: _____
4. Data de nascimento: _____
5. Idade: _____
6. Cor da Pele: _____
() Branca; () Parda; () Preta; () Amarela; () Indígena; () Outra, Qual?
7. Grau de instrução:
() Não estudou;
() Fundamental incompleto;
() Fundamental completo;
() Médio incompleto;
() Médio completo;
() Superior incompleto;
() Superior completo;
() Pós-graduado,
 () Especialização; () Mestrado; () Doutorado.
 Em que área?
8. Com relação à educação física, você é:
() Estudante; () Formado; () Provisionado; () Nenhuma das anteriores.
9. Foi atleta profissional?
() Não; () Sim. Se sim, quanto tempo? _____ (anos).
10. Se foi atleta, em que posição atuava? _____
11. Qual seu peso? _____ (kg)
12. Qual sua estatura? _____ (m)
13. A quantos anos trabalha como preparador de goleiros? _____

14. É a primeira vez que trabalha no Rio Grande do Sul como preparador de goleiros?

☐ Não ☐ Sim

15. Se é de fora do estado, a quanto tempo já trabalha aqui? _____

16. Quando você chuta, você utiliza a perna:

☐ Destro; ☐ Canhoto; ☐ Ambidestro

17. Quando você arremessa com um dos braços, qual você utiliza:

☐ Destro; ☐ Canhoto; ☐ Ambidestro

18. Clubes em que trabalhou em 2014: _____

19. Divisões em que trabalhou em 2014: ☐ A1; ☐ A2; ☐ B

20. Nos clubes do estado do RS, em que trabalhou em 2014, teve auxiliar?

☐ Não ☐ Sim, em qual (is)?

21. Nos clubes do Estado do RS, em que trabalhou em 2014, quantos goleiros treinavam diariamente? _____

22. Na tua opinião qual a quantidade adequada de goleiros por sessão? _____

23. O número acima do idealizado de goleiros interfere negativamente em que aspecto do treino, você concorda que (Pode marcar mais que uma):

- ☐ Muitos goleiros faz com eles fiquem muito tempo parado até a nova série;
- ☐ Os goleiros se dispersam devido a grande quantidade deles;
- ☐ Quanto tem muitos goleiros, interfere na qualidade de execução do preparador;
- ☐ Por terem poucas bolas;
- ☐ Outros motivos, quais?

24. O número abaixo do idealizado de goleiros na sessão de treino interfere negativamente em que aspecto do treino, você concorda que (Pode marcar mais que uma):

- ☐ Não oferece de maneira natural (não controlada) a recuperação dos goleiros entre exercícios;
- ☐ Dificulta a criação de atividades dinâmicas;
- ☐ Preocupa em função de não ter atletas a disposição em caso de cartões e lesões;
- ☐ Outros motivos, quais?

Imagine a seguinte programação semanal (microciclo), exemplo:

Segunda: Folga. Terça, Quarta, Quinta, Sexta e Sábado: Treinos. Domingo: Jogo.

25. O dia que o volume de trabalho foi menor, quantos minutos durou a sessão? _____

26. O dia em que o volume de trabalho foi maior, quantos minutos durou a sessão? _____

Gradue por importância

(1) Indispensável; (2) Extremamente importante; (3) Muito importante; (4) Importante.

OBS: POR FAVOR, NÃO REPETIR OS NÚMEROS

27. Quais as principais características necessárias a um goleiro?

- ☐ Físicas;
- ☐ Técnicas;
- ☐ Psicológicas;
- ☐ Táticas.

(1) Indispensável; (2) Extremamente importante; (3) Muito importante; (4) Importante.

OBS: POR FAVOR, NÃO REPETIR OS NÚMEROS

28. Quais as principais características necessárias a um preparador de goleiros?

- ☐ Conhecimento acerca do treinamento esportivo;
- ☐ Habilidade de execução (chutes e arremessos);
- ☐ Boa Psicologia (saber entender o goleiro e seus anseios);
- ☐ Conhecimento específicos da função de goleiro (como cai, como levanta, entre outros).

(1) Indispensável; (2) Extremamente importante; (3) Muito importante; (4) Importante.

OBS: POR FAVOR, NÃO REPETIR OS NÚMEROS

29. Na tua opinião, o que é mais importante para o preparador de goleiros:

- ☐ Ter sido goleiro;
- ☐ Ser profissional de Educação física;
- ☐ Ter sido atleta;
- ☐ Nada em específico;
- ☐ Outras. Quais?

(1) Indispensável; (2) Extremamente importante; (3) Muito importante; (4) Importante.

OBS: POR FAVOR, NÃO REPETIR OS NÚMEROS

30. Gradue a importância dos tipos de treinos para você:

- ☐ Cruzamentos;
- ☐ Chutes;
- ☐ Reposições;
- ☐ Específicos de Componentes técnicos do goleiro (fundamentos) e quedas.

Imaginando uma escala de importância de 0 – 10, gradue as questões abaixo:

Compare:

Chutes do preparador X chutes dos companheiros de equipe.

31. Qual o índice de condicionamento especial (“defender”), que o treino de chutes executados pelo preparador os proporciona?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10.

32. Qual o índice de condicionamento especial (“defender”), que o treino de chutes executados pelos companheiros de equipe, em trabalhos de finalizações proporciona?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10.

Compare: Cruzamentos do preparador versus cruzamentos dos companheiros.

33. Qual o índice de condicionamento especial (“defender”), que o treino de cruzamentos executados pelo preparador os proporciona?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10.

34. Qual o índice de condicionamento especial (“defender”), que o treino de cruzamentos executados pelos companheiros de equipe em trabalhos com o grupo de atletas proporciona?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10.

Compare: Treino específico do preparador versus treino de minijogos com finalizações.

35. Qual o índice de condicionamento especial (“defender”), que o treino específico do preparador com os goleiros proporciona?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10.

36. Qual o índice de condicionamento que o treino de chutes executados pelos companheiros de equipe, em minijogos com finalizações proporciona?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10.

37. Na pré-temporada, você propõe treino de corrida?

☐ Não; ☐ Sim.

38. Se sim, que tipo de corrida?

- ☐ Contínua;
- ☐ Intermitente;
- ☐ Ambas;

39. Qual o objetivo da corrida?

- ☐ Perda de peso;
- ☐ Condicionamento geral;
- ☐ Recuperação;
- ☐ Não sabe o motivo.

40. Na Temporada, você propõe treino de corrida?

- ☐ Não; ☐ Sim.

41. Se sim, que tipo de corrida?

- ☐ Contínua;
- ☐ Intermitente;
- ☐ Ambas.

42. Qual o objetivo desta corrida?

- ☐ Perda de peso;
- ☐ Condicionamento geral;
- ☐ Recuperação;
- ☐ Não sabe o motivo;
- ☐ Outro, qual?

43. Quanto tempo (minutos) leva o aquecimento de jogo? _____

44. Em quais capacidades físicas e motoras está baseado o treinamento de goleiros?

- ☐ Velocidade;
- ☐ Agilidade;
- ☐ Resistência orgânica;
- ☐ Resistência de força;
- ☐ Força explosiva;
- ☐ Coordenação;
- ☐ Outras, quais?

45. Você faz uma periodização (programação) do trabalho para toda a competição?

- ☐ Não; ☐ Sim.

46. Se organiza, de que forma confecciona?

- ☐ No papel;
- ☐ No computador;
- ☐ Organiza mentalmente;
- ☐ Outra forma, qual?

47. A construção da semana de trabalho (microciclo), é fundamentada em função de que?

- ☐ Macro ciclo (Planejamento prévio) construído em função da tabela da competição;
- ☐ De acordo com os jogos da semana;
- ☐ Baseado nas necessidades específicas dos goleiros;
- ☐ Em função do trabalho do técnico da equipe;
- ☐ Outras formas, quais?

48. Em algum momento da temporada os goleiros ficam aos cuidados dos preparadores físicos?

- ☐ Não; ☐ Sim.

49. Se sim, quando?

- ☐ Durante a pré-temporada;
- ☐ Durante a temporada;
- ☐ Ambos os momentos;

50. Na tua opinião, durante uma partida, quanto tempo dura em segundos uma ação intensa do goleiro no jogo?

- ☐ Até 1 segundo;
- ☐ De 2 segundos a 3 segundos;
- ☐ De 4 segundos a 5 segundos;
- ☐ De 6 segundos a 7 segundos;
- ☐ De 8 segundos a 9 segundos;
- ☐ Mais de 10 segundos.

51. No dia após o jogo, você costuma treinar no campo com o goleiro que jogou, (se mais de uma, marque) o quê?

- ☐ Chutes; ☐ Corrida; ☐ Específico; ☐ Cruzamentos ☐ Treino com bola e com o grupo;
- ☐ Outra atividade, Qual?

52. Quando faz recuperação passiva no pós-jogo, prefere?

- ☐ Imersão no gelo; ☐ Imersão na água quente; ☐ Massagem; ☐ Repouso passivo;
- ☐ Outra alternativa. Qual?

53. Normalmente, você faz o aquecimento adequado no início do treino?

☐ Não; ☐ Sim; ☐ Nem sempre. Por quê?

54. Normalmente, você faz alongamento antes do treino?

☐ Não; ☐ Sim; ☐ Nem sempre. Por quê?

55. Você faz alongamento no término da atividade?

☐ Não; ☐ Sim; ☐ Nem sempre. Por quê?

56. No período preparatório, ou semana cheia, jogo de domingo a domingo, você propõe treino de reforço muscular na academia?

☐ Não; ☐ Sim.

57. Se sim, quantas vezes por semana?

☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10.

58. No período competitivo com jogos quarta e domingo, você propõe treino de reforço muscular na academia?

☐ Não; ☐ Sim.

59. Se sim, quantas vezes por semana?

☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10.

60. Que tipo de materiais acessórios ele usa (pode marcar mais que um):

☐ Medicineball; ☐ TRX; ☐ Discos; ☐ Cones; ☐ Coletes lastrados; ☐ Cintas de tração;
☐ Trenós; ☐ Paredes; ☐ Telas propulsoras; ☐ Plintos; ☐ Escadas; ☐ Barreiras;
☐ Outros. Quais?

61. Imaginando seu último clube em 2014, costumava realizar treinos de transferência de força no campo (pesos, coletes, barras, anilhas, entre outros) seguidos de gestos técnicos?

☐ Não; ☐ Sim.

62. Se sim, quantas vezes em uma semana cheia?

☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10 ou +.

63. Imaginando uma semana cheia, é costume fazer saltos sobre cordas, bancos, plintos, seguidos do gesto técnico?

☐ Não; ☐ Sim.

64. Se sim, quantas vezes em uma semana cheia?

☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10 ou +.

Imagine a seguinte programação semanal (microciclo), exemplo:

Segunda: Folga

Terça, Quarta, Quinta, Sexta e Sábado: Treinos

Domingo: Jogo.

65. Imagine uma semana cheia de trabalho, quantas vezes na semana eram realizados momentos específicos de cruzamentos?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10 ou +.

66. Se sim, séries de quantos cruzamentos?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10 ou +.

67. Imagine uma semana cheia, quantas vezes na semana eram realizados momentos específicos de chutes?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10 ou +.

68. Se sim, séries de quantos chutes?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10 ou +.

69. Imagine uma semana cheia, quantas vezes na semana eram realizados momentos específicos de reposições de pés?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10 ou +.

70. Se sim, série de quantas reposições?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10 ou +.

71. Imagine uma semana cheia, quantas vezes na semana eram realizados momentos específicos de reposições com as mãos?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10 ou +.

72. Se sim, séries de quantos arremessos?

☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10 ou mais.

73. Defina com um termo chave o que mudou na preparação nos últimos '5' anos? _____

74. Você conhece sua principal virtude?

☐ Não; ☐ Sim.

75. Se sim, qual? _____

76. Você conhece sua principal dificuldade?

☐ Não; ☐ Sim.

77. Se sim, qual (Se quiser, não precisa responder)? _____

78. Qual a sua opinião quando ao goleiro ser capitão da equipe?

☐ A favor; ☐ Contra; ☐ Tanto faz.

79. Você filma seus treinos para analisar os goleiros posteriormente?

☐ Não ☐ Sim, semanalmente ☐ Sim, esporadicamente.

80. Você mostra ao goleiros os lances do último jogo através do vídeo?

☐ Não; ☐ Sim.

81. Você já ouviu falar dos sistemas de fornecimento de energia para o exercício?

☐ Não; ☐ Sim

82. Na sua opinião, qual deles mais se aproxima da solicitação dos goleiros?

☐ Fosfatogênio; ☐ Glicolítico; ☐ Oxidativo. ☐ Não tenho opinião formada.

APÊNDICE B – Questionário para os Goleiros

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Questionário para os Goleiros

1. Nome: _____
2. Local de nascimento: _____
3. Nacionalidade: _____
4. Data de nascimento: _____
5. Idade: _____
6. Cor da Pele:
() Branca; () Parda; () Preta; () Amarela; () Indígena; () Outra, Qual?
7. Grau de instrução:
() Não estudou;
() Fundamental incompleto;
() Fundamental completo;
() Médio incompleto;
() Médio completo;
() Superior incompleto;
() Superior completo, qual (is)?
() Pós-graduado, qual (is)?
8. Peso declarado: _____(kg)
9. Estatura declarada: _____(m)
10. Quando você chuta, você utiliza a perna:
() Destro; () Canhoto; () Ambidestro
11. Quando você arremessa com um dos braços, qual você utiliza:
() Destro; () Canhoto; () Ambidestro
12. O lado que você melhor cai, corresponde ao mesmo lado para o que dorme a noite?
() Não; () Sim.
13. Tipo de contrato: () Profissional; () Amador.
14. Com que idade assinou seu primeiro contrato profissional? _____

15. Com que idade começou a trabalhar em clube de futebol profissional? _____

16. Com que idade teve o primeiro preparador de goleiro? _____

17. Com quantos preparadores já trabalhou?

☐1; ☐2; ☐3; ☐4; ☐5; ☐6; ☐7; ☐8; ☐9; ☐10 ou mais.

18. Em que divisões do futebol nacional você jogou?

☐ A; ☐ B; ☐ C; ☐ D; ☐ Não jogou a nível nacional.

19. Em quantos estados trabalhou? _____

20. Cite os estados: _____

21. Trabalhou fora do país?

☐ Não; ☐ Sim.

22. Se sim, qual(s) país(s)? _____

23. Quais os clubes trabalhou em 2014: _____

24. Divisões em que trabalhou em 2014:

☐ A1; ☐ A2; ☐ B.

25. Você jogou alguma partida na temporada 2014? ☐ Não; ☐ Sim

26. Você esteve lesionado?

☐ Não; ☐ Sim.

27. Quantos dias ficou afastado dos treinamentos normais por conta desta (s) lesão (s)? _____

28. Qual(is) foi o segmento corporal (is) lesionado (s)? _____

29. Você foi capitão da equipe na temporada 2014?

☐ Não ☐ Sim ☐ Momentaneamente (só ocasionalmente durante os jogos)

30. Se sim, em quantos jogos? _____

Se jogou por mais de uma agremiação e foi capitão na outra também, queira responder:

31. Você foi capitão da outra equipe que defendeu na temporada 2014?

☐ Não ☐ Sim ☐ Momentaneamente (só ocasionalmente durante os jogos)

32. Se sim, em quantos jogos? _____

33. Na tua opinião qual a quantidade adequada de goleiros por sessão de treino? _____

34. O número acima do idealizado de goleiros interfere negativamente em que aspecto do treino, você concorda que (Pode marcar mais que uma):

- ☐ Muitos goleiros faz com eles fiquem muito tempo parado até a nova série;
- ☐ Os goleiros se dispersam devido a grande quantidade deles;
- ☐ Quanto tem muitos goleiros, interfere na qualidade de execução do preparador;
- ☐ Poucas bolas;
- ☐ Outros motivos, quais?

35. O número abaixo do idealizado de goleiros na sessão de treino interfere negativamente em que aspecto do treino, você concorda que (Pode marcar mais que uma):

- ☐ Não oferece de maneira natural (não controlada) a recuperação dos goleiros entre exercícios;
- ☐ Dificulta a criação de atividades dinâmicas;
- ☐ Preocupa em função de não ter atletas a disposição em caso de cartões e lesões;
- ☐ Outros motivos, quais?

Imagine a seguinte programação semanal (microciclo), exemplo:

Segunda: Folga

Terça, Quarta, Quinta, Sexta e Sábado: Treinos

Domingo: Jogo.

36. O dia que o volume de trabalho foi menor, quantos minutos durou a sessão? _____

37. O dia em que o volume de trabalho foi maior, quantos minutos durou a sessão? _____

Gradue por importância**(1) Indispensável; (2) Extremamente importante; (3) Muito importante; (4) Importante.**

OBS: POR FAVOR, NÃO REPETIR OS NÚMEROS

38. Quais as principais características necessárias a um goleiro?

- ☐ Físicas;
- ☐ Técnicas;
- ☐ Psicológicas;
- ☐ Táticas.

(1) Indispensável; (2) Extremamente importante; (3) Muito importante; (4) Importante.

OBS: POR FAVOR, NÃO REPETIR OS NÚMEROS

39. Quais as principais características necessárias a um preparador de goleiros?

- ☐ Conhecimento acerca do treinamento esportivo;
- ☐ Habilidade de execução (chutes e arremessos);
- ☐ Boa Psicologia (saber entender o goleiro e seus anseios);
- ☐ Conhecimento específicos da função de goleiro (como cai, como levanta, entre outros).

(1) Indispensável; (2) Extremamente importante; (3) Muito importante; (4) Importante.

OBS: POR FAVOR, NÃO REPETIR OS NÚMEROS

40. Na tua opinião, o que é mais importante para o preparador de goleiros:

- ☐ Ter sido goleiro;
- ☐ Ser profissional de Educação física;
- ☐ Ter sido atleta;
- ☐ Nada em específico;
- ☐ Outras. Quais?

(1) Indispensável; (2) Extremamente importante; (3) Muito importante; (4) Importante.

OBS: POR FAVOR, NÃO REPETIR OS NÚMEROS

41. Gradue a importância dos tipos de treinos para você:

- ☐ Cruzamentos;
- ☐ Chutes;
- ☐ Reposições;
- ☐ Específicos de Componentes técnicos do goleiro (fundamentos) e quedas.

Imaginando uma escala de importância de 0 – 10, gradue as questões abaixo:**Compare: Chutes do preparador X chutes dos companheiros de equipe.**

42. Qual o índice de condicionamento especial (“defender”), que o treino de chutes executados pelo preparador os proporciona?

- ☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10.

43. Qual o índice de condicionamento especial (“defender”), que o treino de chutes executados pelos companheiros de equipe, em trabalhos de finalizações proporciona?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10.

Compare: Cruzamentos do preparador versus cruzamentos dos companheiros.

44. Qual o índice de condicionamento especial (“defender”), que o treino de cruzamentos executados pelo preparador proporciona?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10.

45. Qual o índice de condicionamento especial (“defender”), que o treino de cruzamentos executados pelos companheiros de equipe em trabalhos com o grupo de atletas proporciona?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10.

Compare: Treino específico do preparador versus treino de minijogos com finalizações.

46. Qual o índice de condicionamento especial (“defender”), que o treino específico do preparador com os goleiros proporciona?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10.

47. Qual o índice de condicionamento que o treino de chutes executados pelos companheiros de equipe, em minijogos com finalizações proporciona?

☐ 0; ☐ 1; ☐ 2; ☐ 3; ☐ 4; ☐ 5; ☐ 6; ☐ 7; ☐ 8; ☐ 9; ☐ 10.

48. No dia após o jogo em que fosse titular, você gosta de treinar com bola no campo?

☐ Não ☐ Sim.

49. No dia após o jogo, você gosta de treinar no campo (se mais de uma, marque) o quê?

☐ Chutes; ☐ Corrida; ☐ Específico; ☐ Cruzamentos ☐ Treino com bola e com o grupo;
☐ Academia; ☐ Outra atividade, Qual?

50. Quando faz recuperação passiva no pós-jogo, prefere (pode marcar mais que uma):

☐ Imersão no gelo; ☐ Imersão na água quente; ☐ Massagem; ☐ Repouso passivo
☐ Outra alternativa. Qual?

51. Gosta de treinar corridas?

☐ Não ☐ Sim

52. Se sim, que tipo? (Pode marcar mais que uma)

- ☐ Corrida continua (extensiva);
- ☐ Corrida intermitente (alternando intensidade);
- ☐ Sprints (5 a 30 metros)

53. Quanto tempo (minutos) consideras ideal para o aquecimento de jogo? _____

54. Defina a diversidade nos exercícios do seu último preparador. Considere a escala de 0 a 10.

☐0; ☐1; ☐2; ☐3; ☐4; ☐5; ☐6; ☐7; ☐8; ☐9; ☐10.

55. Defina a criatividade nos exercícios do último preparador, considerando uma escala de 0 a 10.

☐0; ☐1; ☐2; ☐3; ☐4; ☐5; ☐6; ☐7; ☐8; ☐9; ☐10.

56. Defina a especificidade dos exercícios do último preparador, considerando uma escala de 0 a 10.

☐0; ☐1; ☐2; ☐3; ☐4; ☐5; ☐6; ☐7; ☐8; ☐9; ☐10.

57. Você acredita que o treinamento do goleiro deve se basear em que capacidades físicas e motoras?

- ☐ Resistência de força;
- ☐ Velocidade;
- ☐ Agilidade;
- ☐ Força explosiva;
- ☐ Coordenação;
- ☐ Outras. Quais?

58. Qual a principal característica do seu melhor preparador? _____

59. Qual a pior característica de um preparador? _____

60. Defina com um termo chave o que mudou na preparação nos últimos '5' anos? _____

61. Você conhece sua principal virtude?

☐ Não; ☐ Sim. Qual?

62. Seu último preparador alguma vez lhe apontou esta?

☐ Não; ☐ Sim

63. Você conhece sua principal dificuldade?

☐ Não; ☐ Sim. Qual (Se quiser, não precisa responder)?

64. Mesmo que não apresentando sua principal dificuldade, seu último preparador lhe apontou esta?
() Não; () Sim

65. O preparador que você trabalhou mais tempo, quanto tempo foi? _____

66. No melhor momento da tua carreira de 0-10 qual a participação do preparador de goleiros? _____

67. No pior momento da tua carreira de 0 a 10, qual a participação do preparador de goleiros? _____

6 ANEXOS

(Dissertação de Daniel Ricardi Crizel da Silva)

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável: Daniel Ricardi Crizel da Silva
Instituição: Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas
Endereço: Rua Luiz de Camões, 625, Pelotas/RS
Telefone: (53) 3273-2752

Concordo em participar do estudo "A preparação dos goleiros profissionais de futebol no Rio Grande do Sul". Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.

PROCEDIMENTOS: Fui informado de que o objetivo geral do estudo será "Descrever o cenário da preparação dos goleiros profissionais de futebol no estado do Rio Grande do Sul, nas Séries A1, A2 e B", cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usadas para fins de pesquisa. Estou ciente de que a minha participação implicará em "responder a um questionário composto de perguntas relacionadas a preparação dos goleiros no estado do Rio Grande do Sul".

RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: Fui informado que não existem riscos relacionados ao presente estudo.

BENEFÍCIOS: O benefício de participar da pesquisa relaciona-se ao fato que os resultados serão incorporados ao conhecimento científico e posteriormente a situações de ensino-aprendizagem e de treinamento.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

DESPESAS: Eu não terei que pagar para participar do estudo, nem receberei compensações financeiras.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome do participante/representante legal: _____

Identidade: _____

ASSINATURA: _____ DATA: ____ / ____ / ____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma dúvida ou preocupação sobre o estudo pode entrar em contato através do meu endereço acima. Para outras considerações ou dúvidas sobre a ética da pesquisa, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPel – Rua Luís de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone CEP (53)3273-2752.

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: _____

ANEXO B – NORMAS DE PUBLICAÇÃO REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (RBCE)

Diretrizes para os autores

Foco da Revista: Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), instância de difusão da produção acadêmica dos pesquisadores da área de conhecimento circunscrita ao campo de intervenção da Educação Física/Ciências do Esporte. É editada sob responsabilidade institucional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), possuindo periodicidade quadrimestral. Publica prioritariamente pesquisas originais sobre temas relevantes e inéditos, mas também há espaço para trabalhos de caráter interpretativo tais como ensaios, artigos de revisão e resenhas. As submissões podem ser realizadas a qualquer tempo, em sistema de demanda contínua.

Seções: Os textos submetidos à RBCE devem ser direcionados para uma das 3 seções: **Artigos Originais** (trabalhos oriundos de pesquisas empíricas e/ou teóricas originais sobre temas relevantes e inéditos, apresentando, preferencialmente, as seguintes seções fundamentais - ou variações destas, de acordo com a exposição do objeto e resultados da investigação: *introdução; material e métodos; resultados e discussão; conclusões; referências*; **Artigos de Revisão** (artigos cujo objetivo é sintetizar e/ou avaliar trabalhos científicos já publicados, estabelecendo um recorte temporal, temático, disciplinar e/ou geográfico para análise da literatura consultada) e **Resenhas** (análises sobre livros publicados, preferencialmente, nos últimos dois anos ou obras clássicas reeditadas e/ou que ainda não foram resenhadas). **A PARTIR DE 30 DE SETEMBRO DE 2010, AS SUBMISSÕES DE ARTIGOS DE REVISÃO ESTARÃO SUSPENSAS POR TEMPO INDETERMINADO.**

Trabalhos com quatro ou mais autores: Em manuscritos com 04 (quatro) ou mais autores devem ser obrigatoriamente especificadas, no campo **Comentários ao Editor** (no canto inferior da página do *Passo 1: Iniciar submissão*, na plataforma on-line da RBCE), as responsabilidades individuais de todos os autores na preparação do mesmo, de acordo com o modelo a seguir: "Autor X responsabilizou-se por...; Autor Y responsabilizou-se por...; Autor Z responsabilizou-se por..., etc."

Língua: A RBCE aceita a submissão de artigos em português, espanhol ou inglês, porém não permite o seu encaminhamento simultâneo a outro periódico nacional, quer seja na íntegra ou parcialmente.

Formatos: Todos os trabalhos devem ser enviados por meio do Sistema Eletrônico de Editoração de Revista (Seer), endereço: <http://www.rbceonline.org.br/>. O texto deve estar gravado em formato Microsoft Word, sem qualquer identificação de autoria. Os metadados deverão ser preenchidos obrigatoriamente com o título do trabalho, nome(s) do(s) autor(es), instituição, país, e-mail(s) do(s) autor(es). No campo "Resumo da Biografia" - campo OBRIGATÓRIO - devem ser informados os seguintes dados: último grau acadêmico, instituição em que trabalha, cidade, estado (unidade da Federação) e país (de todos os autores), endereço postal, telefone e fax (apenas do contato principal do trabalho).

Tamanho: Os artigos devem ser digitados em editor de texto Word for Windows, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento entre linhas 1,5, sem espaçamento entre os parágrafos e com deslocamento de 1,25 cm na primeira linha

(com exceção das citações com mais de 3 linhas), folha A4, margens inferior, superior, direita e esquerda de 2,5 cm. Citações com mais de três linhas, notas de rodapé, legendas e fontes das ilustrações, figuras e tabelas, devem ser em tamanho 11. A extensão máxima para artigos e ensaios (sem contar o resumo) é de 35.000 caracteres (contando espaços) e para resenhas é de 8.000 a 10.000 caracteres (com espaços).

Título do trabalho: O título deve ser breve e suficientemente específico e descritivo do trabalho e deve vir acompanhado de sua tradução para a língua inglesa e espanhola.

Resumo: Deve ser elaborado um resumo informativo, incluindo objetivo, metodologia, resultados, conclusão, acompanhado de sua tradução para a língua inglesa e espanhola. Cada resumo que acompanhar o artigo deverá ter, no máximo, 790 caracteres (contando espaços). Para contar os caracteres, usar-se-á, no Word, no item *Ferramentas*, a opção *Contar Palavras*.

Palavras-chave (Palabras clave, Keywords): constituídos de quatro termos que identifiquem o assunto do artigo em português, inglês e espanhol separados por ponto e vírgula. Recomendamos a utilização dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), disponível em: <http://decs.bvs.br>.

Modo de apresentação dos artigos: Página inicial e subsequentes (adotar OBRIGATORIAMENTE a seguinte ordem): 1) *Título* informativo e conciso em português (ou na língua em que o artigo será submetido): caixa alta e centralizado (sem negrito); 2) *Resumo* em português (ou na língua em que o artigo será submetido) com no máximo 790 caracteres incluindo espaços. Deve ser inserido com um *enter* logo abaixo do título; 3) *Palavras-chave*: em português (ou na língua em que o artigo será submetido), quatro termos separados por ponto e vírgula e inseridos imediatamente abaixo do resumo; 4) Elementos textuais (corpo do texto, seguindo a estrutura correspondente para cada seção escolhida. Observação: nos subtítulos das seções devem ser digitados em caixa alta e alinhados à esquerda e não utilizar negrito para nenhuma forma de destaque ao longo do texto, inclusive nos subtítulos; 5) *Título em Inglês* (centralizado, sem negrito e apenas iniciais em caixa alta); 6) *Abstract*: em itálico e contendo no máximo 790 caracteres incluindo espaços; 7) *Keywords*: quatro termos separados por ponto e vírgula; 8) *Título em Espanhol* (centralizado, sem negrito e apenas iniciais em caixa alta); 9) *Resumen*: em itálico e contendo no máximo 790 caracteres incluindo espaços; 10) *Palabras clave*: quatro termos separados por ponto e vírgula; 12) *Referências* (conforme normas da RBCE). Para maiores esclarecimentos, visualize o modo de apresentação dos elementos textuais nos seguintes exemplos (<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/292/527> e <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/261/535>)

Modo de apresentação das resenhas: A resenha deve atender às seguintes orientações: referir-se à obra relacionada ao foco da RBCE; ser inédita; extensão de 8.000 a 10.000 caracteres (com espaços), incluindo, se houver, referências; incluir referência bibliográfica completa, do livro resenhado, no cabeçalho; título (opcional); conter descrição do conteúdo da obra, sendo fiel a suas ideias principais; oferecer uma análise crítica (um diálogo do autor da resenha com a obra), evitando a submissão de textos meramente descritivos. As outras exigências de submissão são idênticas às das demais seções da RBCE.

Notas: Notas contidas no artigo devem ser indicadas com algarismos arábicos e de forma sequencial imediatamente depois da frase a que diz respeito. As notas deverão vir no rodapé da página correspondente. *Observação:* não inserir Referências Bibliográficas completas nas notas, apenas como referência nos mesmos moldes do texto. Devem constar nas *Referências* ao final do artigo ou resenha.

Agradecimentos: Agradecimentos poderão ser mencionados sob a forma de nota de rodapé.

Apoio financeiro: É obrigatório informar no manuscrito, sob a forma de nota de rodapé (no título do trabalho, na primeira página), e no *Passo 2: Metadados da Submissão*, no campo específico **Agências de Fomento** (no canto inferior da página de submissão) todo e qualquer auxílio financeiro recebido para a elaboração do trabalho, mencionando agência de fomento, edital e número do processo. Caso a realização do trabalho não contou com nenhum apoio financeiro, acrescentar a seguinte informação tanto no campo indicado acima quanto no manuscrito (como nota de rodapé na primeira página): *O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização*. Nos trabalhos que declararem algum tipo de apoio financeiro, essa informação será mantida na publicação sob a forma de nota de rodapé.

Apêndices: Apêndices podem ser empregados no caso de listagens extensivas, estatísticas e outros elementos de suporte.

Figuras e tabelas: Quando for o caso, as ilustrações e tabelas devem ser apresentadas no interior do manuscrito na posição que o autor julgar mais conveniente. Devem ser numeradas, tituladas e apresentarem as fontes que lhes correspondem. As imagens devem ser enviadas em alta definição (300 dpi, formato TIF), e deverão vir acompanhadas de autorização específica para cada uma delas (por escrito e com firma reconhecida) em que seja informado que a imagem a ser reproduzida no manuscrito foi autorizada, especificamente, para esse fim. No caso de fotografias, a autorização tem de ser feita pelo fotógrafo (mesmo quando o fotógrafo é o próprio autor do manuscrito) e pelas pessoas fotografadas. Obras cujo autor faleceu há mais de 71 anos já estão em domínio público e, portanto, não precisam de autorização. As legendas e fontes das ilustrações, figuras e tabelas, devem ser em tamanho 11.

Comitê de Ética: Os critérios éticos da pesquisa devem ser respeitados dentro dos termos da Resolução 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde (disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/comissao/conep/resolucao.html>), quando envolver experimentos com seres humanos; e de acordo com os Princípios éticos na experimentação animal do Colégio Brasileiro de Experimentação Animal - COBEA - (disponível em: <http://www.cobea.org.br/etica>), quando envolver animais. Os autores deverão encaminhar como *Documento suplementar*, juntamente com os manuscritos nas situações que se enquadram nesses casos, o parecer de Comitê de Ética reconhecido ou declaração de que os procedimentos empregados na pesquisa estão de acordo com os princípios éticos que norteiam as resoluções já citadas.

Conflitos de interesse: É obrigatório que a autoria do manuscrito declare a existência ou não de conflitos de interesse. Mesmo julgando não haver conflitos de interesse, o(s) autor(es) deve(m) declarar essa informação no ato de submissão do artigo, no *Passo 2: Metadados da Submissão*, no campo **Conflitos de interesse**, e

na primeira página do manuscrito sob a forma de nota de rodapé. Os conflitos de interesse podem ser de natureza pessoal, comercial, política, acadêmica ou financeira, tais como: ser membro consultivo de instituição que financia a pesquisa; participar de comitês normativos de estudos científicos patrocinados pela indústria; receber apoio financeiro de instituições em que a pesquisa é desenvolvida; conflitos presentes no âmbito da cooperação universidade-empresa; identificação e contato com pareceristas *ad hoc* durante o processo de avaliação etc. Quando os autores submetem um manuscrito, eles são responsáveis por reconhecer e revelar conflitos financeiros ou de outra natureza que possam ter influenciado seu trabalho. Os autores devem reconhecer no manuscrito todo o apoio financeiro para o trabalho e outras conexões financeiras ou pessoais com relação à pesquisa (vide item *Apoio financeiro*, logo acima nesta página). Não havendo conflitos de interesse, basta transcrever e acrescentar tanto no campo indicado acima quanto no manuscrito (sob a forma de nota de rodapé no título do trabalho, na primeira página) a seguinte nota: *Não houve conflitos de interesses para realização do presente estudo.* Nos trabalhos nos quais forem declarados a existência de conflitos de interesse, essa informação será mantida na publicação sob a forma de nota de rodapé.

Referências: NBR 6023/2003. A exatidão e adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto são da responsabilidade do autor. Informação oriunda de comunicação pessoal, trabalhos em andamento e não publicados não devem ser incluídos na lista de referências, mas podem ser indicadas em nota de rodapé na página onde for citada.

Exemplos de Referências:

Livros com um autor:

FULANO, B. Título da publicação. [apenas a primeira letra em maiúscula, a não ser em casos de nomes próprios, com destaque em *italico*]. Tradução [se houver]: Prenome e Sobrenome do tradutor. N.º da Edição. Cidade: Nome da Editora [apenas o nome, por exemplo: Autores Associados], Ano da Edição. Exemplo: MARINHO, I. P. *Introdução ao estudo de filosofia da educação física e dos desportos*. Brasília: Horizonte, 1984.

Livros com dois autores:

FULANO, B.; BELTRANO, F. Título da publicação: subtítulo. Cidade: Nome da Editora, Ano da Edição. Exemplo: ACCIOLY, A. R.; MARINHO, I. P. *História e organização da educação física e desportos*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1956.

Livros com três autores:

FULANO, B.; BELTRANO, F.; SICRANO, A. Título da publicação: subtítulo. Cidade: Nome da Editora, Ano da Edição. Exemplo: REZER, R.; CARMENI, B.; DORNELLES, P. O. *O fenômeno esportivo: ensaios crítico-reflexivos*. 4. ed. São Paulo: Argos, 2005.

Obs.:

- quando houver mais de três Autores/Organizadores, cita-se o primeiro seguido de *et al.* (em *italico*). Exemplo: TANI, G. *et al. Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU, 1988.

- obras do mesmo Autor/Organizador publicadas no mesmo ano são identificadas com acréscimo de letras em minúscula, na seqüência alfabética ascendente. Exemplos:

(FULANO, Ano da Edição^a)

(FULANO, Ano da Edição^b)

- Autor/Organizador diferente com mesmo sobrenome, distingue-se da seguinte forma:

(FULANO, X., Ano da Edição)

(FULANO, Y., Ano da Edição)

Partes de livros com autoria própria:

FULANO, B. Título do artigo/texto. In: BELTRANO, F. (org.). Título da publicação: subtítulo. Cidade: Nome da Editora, Ano da Edição. p. xx-xx. Exemplo: GOELLNER, S. Mulher e Esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. In: SIMÕES, A. C.; KNIJIK, J. D. *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004. p. 359-374.

Dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso:

BELTRANO, F. Título: subtítulo. Ano. Paginação. Tipo do documento (dissertação, tese, trabalho de conclusão de curso), grau entre parênteses (Mestrado, Doutorado, Especialização em...) - vinculação acadêmica, o local e o ano da defesa. Exemplo: SANTOS, F. B. *Jogos intermunicipais do Rio Grande do Sul: uma análise do processo de mudanças ocorridas no período de 1999 a 2002*. 2005. 400 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

Anais de Congressos:

BELTRANO, F. Título do trabalho. In: XX Congresso, Ano, Cidade. Anais... Cidade, Nome da Editora, Ano da Edição. Volume ou nº. p. xx-xx. Exemplo: SANTOS, F. B.. Jogos intermunicipais do Rio Grande do Sul: uma análise do processo de mudanças ocorridas no período de 1999 a 2002. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: MFPA, 2005. v. 1, p. 236 - 240.

Periódicos:

FULANO, B.; BELTRANO, F. Título do artigo/texto. Nome do Periódico, Cidade, v. xx, n.º x, p. xx-xx, Mês - Ano. Exemplo: GOMES, I. M.; PICH, S; VAZ, A. F. Sobre algumas vicissitudes da noção de saúde na sociedade dos consumidores. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 137-151, maio 2006.

Obs.: quando houver mais de três Autores/Organizadores, cita-se o primeiro seguido de *et al.* (em itálico).

Jornais:

FULANO, B. Título do artigo/texto. *Nome do Jornal*, Cidade, p. xx, Dia Mês - Ano. Exemplo: SILVEIRA, J. M. F. Sonho e conquista do Brasil nos jogos olímpicos do século XX. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 25-27. 12 abr. 2003.

Legislação:

LOCAL (país, estado ou cidade). *Título* (especificação da legislação, n.º e data). Indicação da publicação oficial. Exemplo: BRASIL. *Decreto n.º 60.450*, de 14 de abril de 1972. Regula a prática de educação física em escolas de 1º grau. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, v.126, n.66, p.6056, 13 abr. 1972. Seção 1, pt. 1.

Documentos eletrônicos online:

AUTOR. *Título*. Local, data. Disponível em: <...>. Acesso em: dd mm aaaa. Exemplo: LOPEZ RODRIGUEZ, A. Es la Educacion Física, ciencia? *Revista Digital*, Buenos Aires, v.9, n. 62, jul. 2003. Disponível em: . Acesso em: 20 maio 2004.

HERNANDES, E. S. C. Efeitos de um programa de atividades físicas e educacionais para idosos sobre o desempenho em testes de atividades da vida diária. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 2, n. 12, p. 43-50, 05 jun. 2004. Quadrimestral. Disponível em: . Acesso em: 05 jun. 2004.

Recomendações: Recomenda-se que se observem as normas da ABNT referentes a apresentação de artigos em publicações periódicas (NBR 6023/2003), apresentação de citações em documentos (NBR 10.520/2002), apresentação de originais (NBR 12256), norma para datar (NBR 5892), numeração progressiva das seções de um documento (6024/2003) e resumos (NBR 6028/2003), bem como a norma de apresentação tabular do IBGE.

Orientações gerais sobre citações:

Citações diretas com menos de três linhas são inseridas no próprio corpo do texto, entre aspas, com a referência da mesma forma acima.

Citações diretas com mais de três linhas devem ser apresentadas em destaque, separadas do corpo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com corpo (tamanho da fonte) e entrelinha (distância entre as linhas) menores e sem aspas, com a letra inicial em maiúsculo, e, ao fim, seguidas da referência abaixo exemplificada.

Citação com reprodução de fala ou diálogo, coloca-se em destaque, separada do corpo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com corpo (tamanho da fonte) e entrelinha (distância entre as linhas) menores e entre aspas, em itálico e com a letra inicial em maiúsculo.

Quando, numa citação entre aspas, houver um trecho também entre aspas, estas devem ser substituídas por aspas simples (').

As indicações de autoria de citações direta e indireta incluídas no texto devem ser feitas em letras maiúsculas e minúsculas, indicando-se a data e páginas entre parênteses.

Um autor: Segundo Fulano (Ano, p. xxx).

Dois autores: Segundo Fulano e Sicrano (Ano, p. xxx).

Três autores: Fulano, Sicrano e Beltrano (Ano, p. xxx).

Mais de três autores: Fulano *et al.* (Ano, p. xxx).

As indicações de autoria de citações direta e indireta (entre parênteses) devem vir em letras maiúsculas, seguidas da data e páginas.

Um autor: (FULANO, Ano, p. xxx).

Dois autores: (FULANO; SICRANO, Ano, p. xxx).

Três autores: (FULANO; SICRANO; BELTRANO, Ano, p. xxx).

Mais de três autores: (FULANO *et al.*, Ano, p. xxx).

Citação de citação: trata-se da citação de um texto que se teve acesso a partir de outro documento. Recomendamos evitar o emprego desse tipo de citação. Caso elas sejam inevitáveis, seguir o modelo abaixo:

No texto:

Leedy (1988 *apud* RICHARDSON, 1991, p. 417) compartilha deste ponto de vista ao afirmar "os estudantes estão enganados quando acreditam que eles estão fazendo pesquisa, quando de fato eles estão apenas transferindo informação factual [...]".

No rodapé: Faz-se a referência do autor citado (opcional), no caso acima, a obra de Leedy (1988).

Na lista de referências: Faz-se a referência do documento consultado - no exemplo acima, a obra de Richardson (1991) -, conforme os modelos acima.

Informações sobre o processo de avaliação: Os manuscritos que atenderem as instruções aos autores serão submetidos ao Conselho Editorial ou a pareceristas *ad hoc*, que os apreciarão observando o sistema *peer-review*. Aqueles que receberem avaliações discordantes serão encaminhados a um terceiro revisor(a) para fins de desempate. Manuscritos aceitos, ou aceitos com indicação de reformulação, poderão retornar aos autores para aprovação de eventuais alterações no processo de editoração do número para o qual foi submetido ou para números subsequentes. Manuscritos recusados não serão devolvidos, a menos que sejam solicitados pelos respectivos autores no prazo de até seis meses posterior a data de submissão.

Outras informações: caso seu artigo possua imagens (figuras, quadros, tabelas, fotografias etc.) ou qualquer outra reprodução que não seja de sua propriedade, enviar, como *documento suplementar*, uma Declaração que autoriza o uso de cada imagem ou documento (por escrito e com firma reconhecida) em que esteja declarado que o material a ser reproduzido em seu artigo (colocar o título do artigo na referida declaração) está liberado para esse fim. Qualquer pagamento que tenha de ser feito para a obtenção da autorização deverá ser efetuado pelo(s) Autor(es). Caso o original contenha fotografias, a Declaração de autorização tem de ser feita pelo fotógrafo e pelas pessoas fotografadas. Em caso de fotografias de crianças e jovens, a Declaração deve ser assinada pelos pais ou representantes legais. Em algumas situações, há necessidade de pedir autorização dos herdeiros ou detentores dos Direitos Autorais. O mesmo vale para Letras de música e Poesias, pois mesmo pequenas citações demandam a autorização do Autor ou dos detentores dos Direitos Autorais. Epígrafes seguem a mesma regra. Citação de texto de ficção necessita sempre de autorização, assim como texto e/ou imagem protegidos pela legislação e que são obtidos em sites da Internet.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita, e NÃO está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, justificar em *Comentários ao Editor*.
2. Os METADADOS deverão ser preenchidos com:
 - Título, Resumo e Palavra(s)-chave nos idiomas Português, Inglês e Espanhol;
 - Nome(s) do(s) autor(es);
 - Último grau acadêmico (APENAS);
 - Cidade, Unidade da Federação (Estado) e País;
 - Instituição em que trabalha ou estuda;
 - Endereço postal (OBRIGATÓRIO), telefone/fax;
3. Os arquivos para submissão estão digitados em editor de texto editor de texto Word for Windows, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento entre linhas 1,5, sem espaçamento entre os parágrafos e com deslocamento de 1,25 cm na primeira linha (com exceção das citações com mais de 3 linhas), folha A4, margens inferior, superior, direita e esquerda de 2,5 cm; emprega itálico ao invés de negrito e/ou sublinhado (exceto em endereços URL); com figuras e tabelas inseridas no texto, e não em seu final. Possui extensão máxima de 35.000 caracteres, para o caso de artigos, ou 10.000 caracteres (contabilizando os espaços), para resenhas.
4. Deve constar no CORPO DO TEXTO:
 - Título;
 - Resumo e;
 - 4 palavra(s)-chave;

*Todos os três itens acima DEVEM estar disponíveis nos idiomas: Português, Inglês e Espanhol.

5. No corpo do texto ou em nota de rodapé NÃO deverá existir informações/identificação referente(s) ao(s) autor(es), **incluindo qualquer referência explícita da autoria do manuscrito.**

*Essas informações devem constar APENAS no Sistema Eletrônico da RBCE nas partes referentes ao preenchimento dos METADADOS.

6. A identificação de autoria deste trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos), conforme instruções disponíveis em [Assegurando a Avaliação por Pares Cega](#).

7. No caso de pesquisas que envolvem seres humanos ou animais, foi encaminhado, como *documento suplementar*, parecer de Comitê de Ética reconhecido ou declaração de que os procedimentos empregados na pesquisa seguem os princípios éticos que norteiam pesquisas com seres humanos e animais de acordo com as resoluções do Conselho Nacional de Saúde e do Colégio Brasileiro de Experimentação Animal.
8. Foram elaboradas notas de rodapé e inseridas informações nos campos específicos indicando: 1) todo e qualquer auxílio financeiro recebido para a elaboração do trabalho, mencionando agência de fomento, edital e número do processo; 2) a existência ou não de "Conflitos de interesse", conforme estabelecido nas normas para submissão, no item *Diretrizes para Autores*.

Declaração de Direito Autoral

Declaração de Direito Autoral:

A RBCE orienta que só devem assinar os trabalhos as pessoas que de fato participaram das etapas centrais da pesquisa, não bastando, por exemplo, ter revisado o texto ou apenas coletado os dados. Todas as pessoas relacionadas como autores, por ocasião da submissão de trabalhos na RBCE, estarão automaticamente declarando responsabilidade, nos termos a seguir:

1. Declaração de Responsabilidade: "Certifico que participei suficientemente do trabalho para tornar pública minha responsabilidade pelo seu conteúdo. Certifico que o manuscrito representa um trabalho original e que nem este manuscrito, em parte ou na íntegra, nem outro trabalho com conteúdo substancialmente similar, de minha autoria, foi publicado ou está sendo considerado para publicação em outra revista, quer seja no formato impresso ou no eletrônico, exceto o descrito em 'Comentários ao Editor'. Atesto que, se solicitado, fornecerei ou cooperarei totalmente na obtenção e fornecimento de dados sobre os quais o manuscrito está baseado, para exame dos editores."
2. Transferência de Direitos Autorais: "Declaro que, em caso de aceitação do artigo por parte da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), concordo que os direitos autorais a ele referentes se tornarão propriedade exclusiva do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), vedado qualquer reprodução, total ou parcial, em qualquer outra parte ou meio de divulgação, impressa ou eletrônica, sem que a prévia e necessária autorização seja solicitada e, se obtida, farei constar o competente agradecimento ao CBCE e os créditos correspondentes a RBCE."

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou terceiros.